

**espaços  
residuais  
industriais**  
re[habitar]

NICOLE PAULIELO MARQUES DA COSTA

TFG II - FAU UFRJ - 2020  
ORIENTADORA: IAZANA GUIZZO



[01]



[02]



[03]

## resumo

---

O trabalho diz respeito aos espaços residuais industriais nas cidades contemporâneas, estritamente no município de Jundiaí - SP. O objetivo é entender e interpretar as dinâmicas do resíduo industrial e histórico da cidade, além da identificação desses espaços ociosos e esquecidos como potência enquanto espaço habitável. Visando através de novas interpretações e conexões com o território a possibilidade de um espaço coletivo, de transformação do indivíduo e reconexão com o território. A proposta será realizada em uma antiga fábrica de tecelagem na cidade de Jundiaí, com a intenção de um projeto participativo, com agentes de outras ordens, conformando-se em um espaço que ressoe origem, preexistência e história, permitindo relações entre habitantes e espaço construído, além da introspecção do indivíduo com a natureza e memória local.



[04]



[05]

# introdução

---

Espaços residuais, fazem parte do processo de desenvolvimento de qualquer cidade, decorrente da reestruturação do espaço urbano, do desenvolvimento constante, das sobreposições e transformações de usos, além da necessidade de novas lógicas e dinâmicas urbanas. Esses espaços surgem como resposta às demandas da cidade contemporânea por deixarem de cumprir sua função econômica, social e política, geram locais considerados como fragmentados, ociosos, residuais, ignorados, etc. Estes mesmos locais têm sua identidade e interação inibidas, colaborando para com a degeneração da vida urbana. Alguns exemplos cotidianos de espaços residuais na malha urbana são: baixios de viadutos, área residual da linha férrea, edifícios abandonados, áreas industriais subutilizadas, entre outros.

No presente trabalho, será delimitado apenas uma das tipologias desses espaços, a fim de compreender um território em um recorte pormenorizado.

Partindo-se de uma reflexão sobre os processos de desativação da indústria e suas estruturas obsoletas no município de Jundiaí, no interior de São Paulo, compreende-se as estruturas industriais residuais da cidade - que podem ser interpretadas como elementos de potencialidade - e sua relação com o território e seus desdobramentos projetuais. Pensando nas múltiplas possibilidades que o mesmo pode oferecer, parte-se da necessidade do habitar a cidade e refletir sobre essa espacialidade fragmentada, gerada pela hibridização dos processos urbanos e percepções do hiperconsumo da atualidade.

---

# sumário

---



**pág.**

**01.** espaços residuais \_ industriais

**06.** memória como identidade

**09.** uma fábrica, uma cidade \_ Jundiá

**11.** sobre a cidade

**13.** breve história

**15.** processo de industrialização

**23.** recorte área industrial

**27.** fábrica, paisagem na cidade

**31.** reflexões do restauro

**33.** definição de premissas

**35.** um novo olhar

**39.** re [habitar] a fábrica

**40.** entorno \_ vila arens

**44.** a fábrica \_ tecelagem Japy

**47.** tudo o que resistiu

**49.** conexões com o entorno

**51.** referências

**57.** proposta

**57.** programa

**59.** estudo de projeto

**65.** materialidade

**65.** paisagismo

**73.** referências teóricas \_ imagens

# espa- ços residuais

O modo de vida em grandes centros urbanos é definido por suas atividades centrais, conduzido por fluxos que se estabelecem de acordo com as estruturas que guiam a organização das cidades em determinados momentos da história.

Os espaços residuais são reflexos da reestruturação da paisagem urbana, decorrente de acontecimentos políticos, sociais e, em sua maioria, econômicos. É um *“processo de desfuncionalização ou desafetação”* (BORDE, 2006). A modernização e seu modus operandi racionalizou as dinâmicas da vida social urbana, gerando fragmentos, vazios não apenas físicos, mas culturais e comportamentais. O vazio é uma resposta às demandas da cidade contemporânea, gerando novas propostas, fluxos e reorganização da malha urbana.

A drástica mudança de renovação e remodelação imposta pela contemporaneidade, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, desestabiliza a conformação das cidades e desconecta elementos de estruturação tanto do meio urbano, quanto social. A lógica da cidade contemporânea, funcionaliza o processo de transformação desses “terrenos vagos”, muitas vezes pautadas sob interesses especulativos.

Segundo Solà Morales (2002) “terrenos vagos” são espaços com potencialidade de rehabitá-los, resgatando a memória sem interesses econômicos. Esses terrenos têm a capacidade de delinear o cenário e a realidade das cidades, porém, encontram-se em estado de desconexão. Tais espaços fragmentados - como por exemplo, baixo de viaduto, espaços residuais de linhas férreas, edifícios abandonados e áreas industriais subutilizadas - representam a possibilidade de uma nova interpretação simbólica entre a cidade e seus habitantes em aspectos sociais e culturais, abrindo caminho para novas interpretações e noções de convivência, tecendo uma linha que conecta tanto as necessidades espaciais, como também, os interesses culturais, socioeconômicos e valorativos, visando propostas positivas ao contexto urbano.

“

**a criação de vazios sobre os cheios pode ser mais frequentemente observada nos momentos de intensas transformações estruturais.**

”

# espa- ços residuais industriais

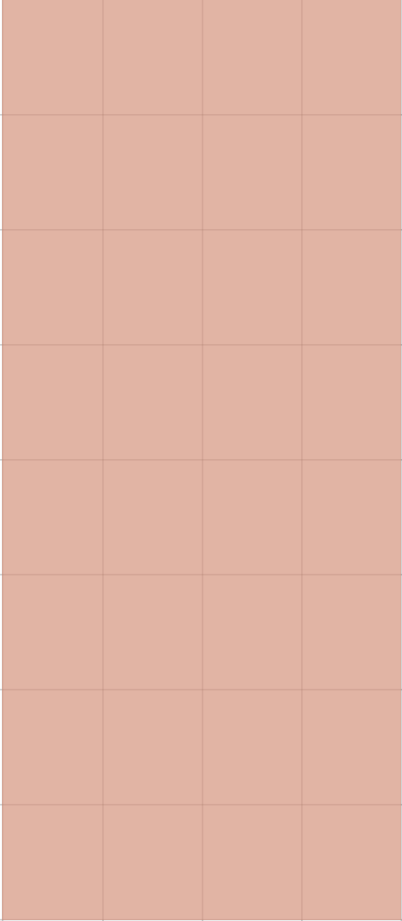
O crescimento de grandes centros urbanos durante o século XIX, acompanhada pela industrialização, contribuiu para uma expansão da malha urbana de maneira contínua, seguindo as dinâmicas das atividades da área central, gerando um retalhamento das cidades.

Tal movimento não se distancia da realidade brasileira durante o processo de industrialização no século XX.

Guiados sob interesses políticos e econômicos, - e ainda com resquícios da indústria cafeeira e têxtil até 1930 - o desenvolvimento da indústria de base no Brasil contribuiu para com a valorização dos terrenos e uma composição geográfica privilegiada pela proximidade de hidrovias, ferrovias para o escoamento de produtos e carregamento de matéria prima, além da localização central.



[06]



O desenvolvimento das cidades ocorrem segundo as lógicas econômicas e suas atividades urbanas derivativas, é, então, compreensível o esvaziamento dos edifícios e áreas industriais como uma problemática global. A nova fase da industrialização e modernização das indústrias, o crescimento populacional das cidades e, especificamente no Brasil, a expansão de rodovias, incentivos e atrativos fiscais e econômicos, foco no crescimento do mercado interno, após a Segunda Guerra Mundial, marcam o desenvolvimento econômico de uma época, que hoje são escombros desconexos de uma carga cultural ou valorativa.

*“o vazio urbano passa a se constituir como um fenômeno significativo e a despertar reflexões no campo do urbanismo, a partir da crise estrutural do sistema produtivo, de meados da década de 1970 que, entre outros aspectos, contribuiu para o aumento do estoque de terrenos e edifícios industriais desfuncionalizados e para as dificuldades colocadas à sua refuncionalização”.* (BORDE, 2006).

Com a necessidade de novos espaços e reestruturação, para atender às demandas e novas lógicas da cidade contemporânea, as indústrias acabam contribuindo com o esvaziamento das áreas centrais, consideradas áreas privilegiadas, e passam a ocupar áreas periféricas das cidades, buscando atender legislações de regulamentação fundiária estabelecidas no

plano diretor, que visa preservar os sistemas naturais e ambientais.

Além do crescimento populacional que acaba estreitando e contendo o avanço dessas industriais dentro da mancha urbana. Assim, concentrando um grande estoque de terrenos e edifícios industriais, que passam a ser alvo da especulação imobiliária.

O abandono das antigas fábricas do período industrial e o mal reaproveitamento desses espaços residuais, permanecem nas cidades como fantasmas ou desconexos de um contexto histórico, tornando-se estranho aos habitantes e causando um *“estranhamento no percurso cotidiano”* (BORDE, 2006).

Por outro lado, outros tipos de valores são atribuídos à esses espaços que ativam a imaginação emocional, atuando como reflexo de insegurança e medo, por falta de vitalidade presente nesses lugares, não somente ao aspecto visual ou econômico da cidade contemporânea, mas suas lacunas e fissuras realçam um modo de vida funcional e desconexa para os que moram em grandes centros urbanos.

Com a tomada do mercado imobiliário, além da falta de conscientização, poucos desses edifícios resistiram à lógica de mercado. Muitas fábricas foram postas abaixo, ocorrendo a desconfiguração da história e memória dos indivíduos que fazem parte ou não deste território. O que caracteriza-se por uma não

**memória como identidade**

conservação da história individual ou coletiva dos indivíduos.

Segundo Solà Morales, os espaços que são esquecidos, que não tem uma atividade ou incorporação eficaz, que se encontram fora da dinâmica urbana, dispõem uma desafeição da atividade cotidiana da cidade, encontrando-se fora das estruturas produtivas, sendo tratados de "exteriores" enquanto resistem no interior físico das cidades. Esses espaços não devem ser negados à sua memória, pois os mesmos têm seus valores residuais incidindo no presente, ou seja, o que o lugar já foi para a cidade, não pode ser esquecido e/ou negado.

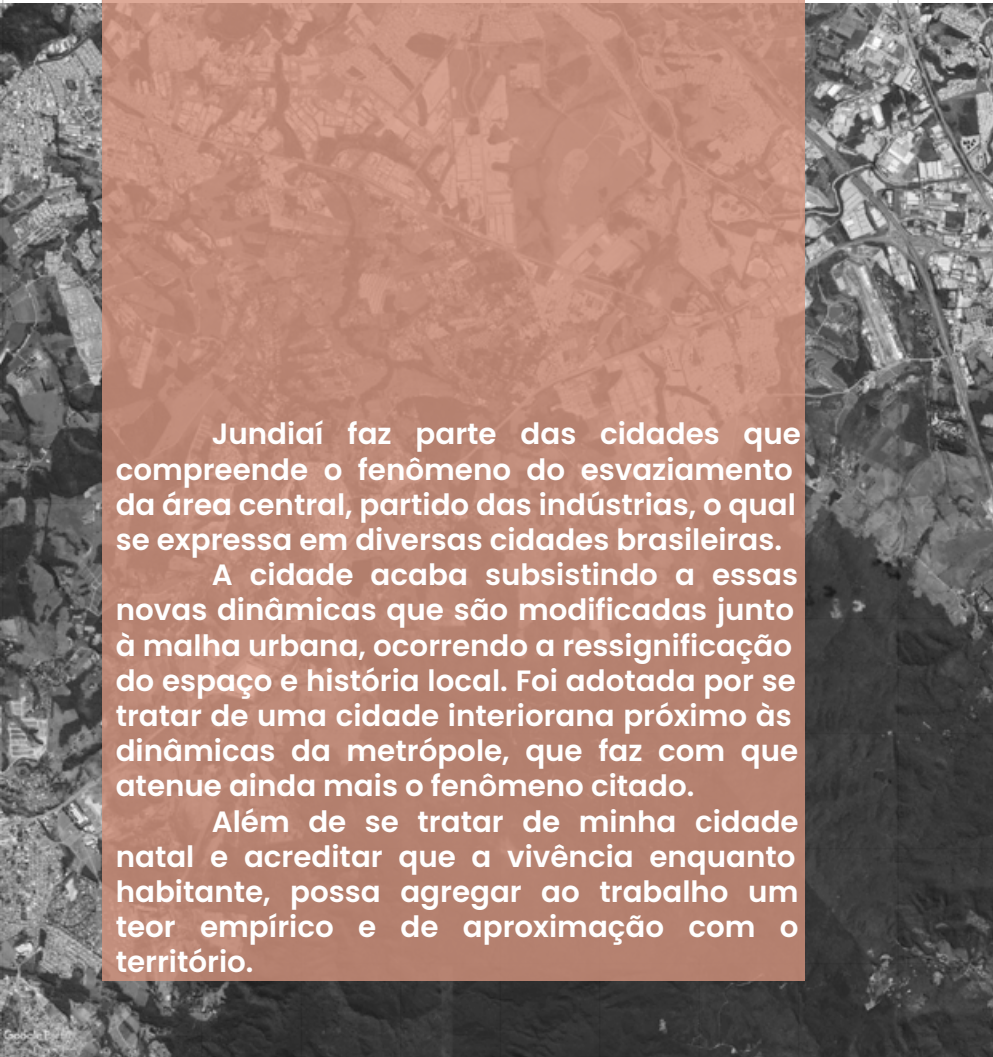
Além disso, são potentes no momento em que mostram oportunidades, novas formas de interação, visões e interpretações do espaço ocioso. Conclui-se que esses espaços nos oferece uma revalorização sensorial, influenciando na maneira de entender a realidade urbanizada. Ou seja, valores que não estão respondendo ao espetacular, não servindo para a economia rentável, conferindo-lhe um valor especial, pois de fato são territórios carregados de história e de memória, distanciando-se de uma cidade genérica.





[07]

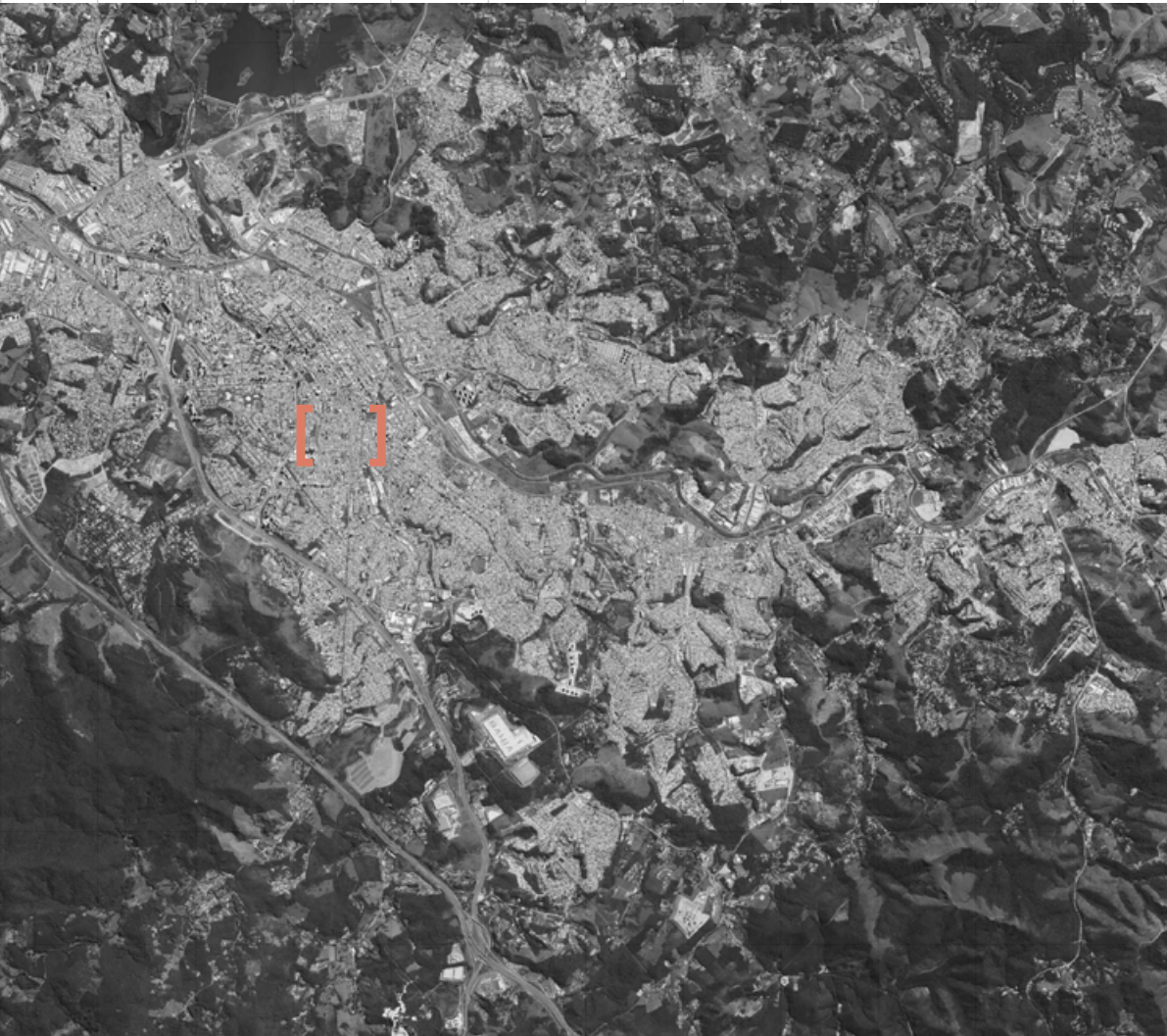
uma  
**fábrica**  
uma  
**cidade**  
**jundiaí**  
[sp]



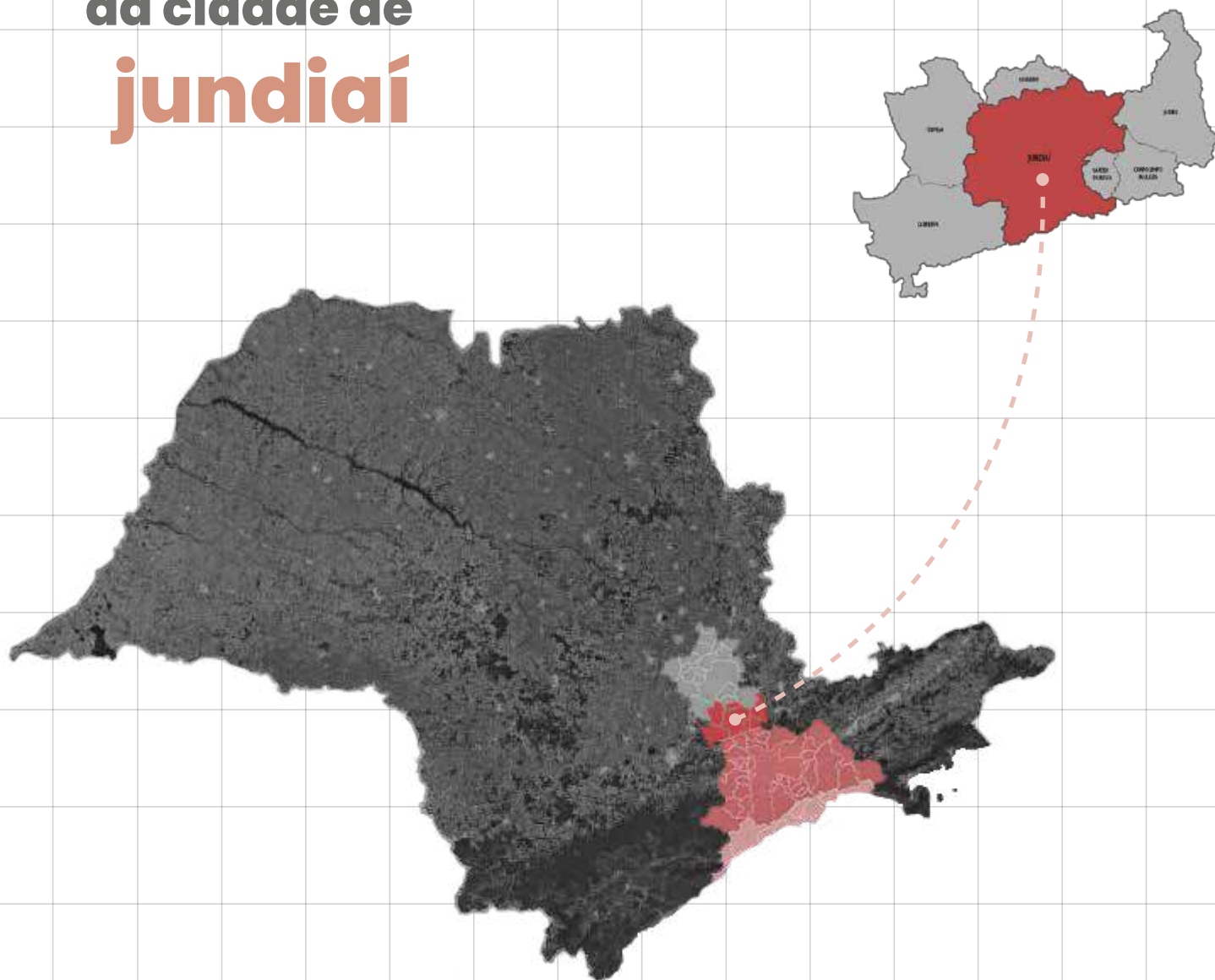
Jundiaí faz parte das cidades que compreende o fenômeno do esvaziamento da área central, partido das indústrias, o qual se expressa em diversas cidades brasileiras.

A cidade acaba subsistindo a essas novas dinâmicas que são modificadas junto à malha urbana, ocorrendo a ressignificação do espaço e história local. Foi adotada por se tratar de uma cidade interiorana próximo às dinâmicas da metrópole, que faz com que atenuem ainda mais o fenômeno citado.

Além de se tratar de minha cidade natal e acreditar que a vivência enquanto habitante, possa agregar ao trabalho um teor empírico e de aproximação com o território.



# um resumo da cidade de jundiaí



região metropolitana de **CAMPINAS**

região metropolitana de **SÃO PAULO**

aglomerado urbano de **JUNDIAÍ**

região metropolitana da **BAIXADA SANTISTA**

Jundiaí faz parte do aglomerado urbano de Jundiaí, que fica entre as regiões metropolitanas de Campinas e São Paulo, também próximo da Baixada Santista.

Município do interior de São Paulo, localizado no sudoeste do estado. Sua população é de aproximadamente 415 mil habitantes, segundo dados do IBGE de 2018.

Seu principal sistema viário são as rodovias Anhanguera e Bandeirantes e conta com a linha férrea no transporte de insumos industriais e público, sendo a última estação ferroviária de passageiros com conexão à capital.

O município de Jundiaí constitui-se como pólo de desenvolvimento industrial diversificado possibilitando ao município, investimentos na área de serviços e infra-estruturas urbana, como saúde, educação e transporte.



interior  
de São  
Paulo

popu.  
414.810  
hab.

área  
431.2  
km

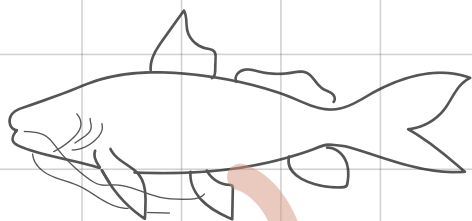
Jundiaí: município brasileiro situado no sudoeste do estado de São Paulo

# breve história da cidade

fund.  
1615

vila  
1655

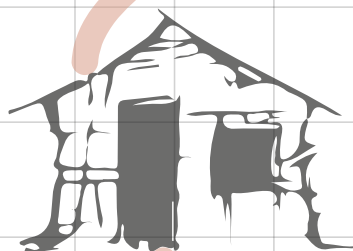
municip.  
1865



A origem do nome Jundiáí vem do tupi, da palavra "jundiá" que significa "bagre" (peixe), e "i" que significa "rio". A região foi habitada apenas por povos indígenas até o final do século XVII, e parte de suas culturas - técnica construtiva e utilização de queimadas na lavoura - foram incorporadas pelos brancos colonizadores que chegaram na região em 1615, data em que foi criada a *Freguesia de Nossa Senhora do Desterro*, posteriormente elevada à categoria de Vila, em 1655, e somente em 1865 a cidade se emancipou à categoria de município.



Durante um longo período, a escravidão indígena foi a base da mão-de-obra local, embora essa prática fosse proibida por lei. Em meados do século XVIII, o número de escravos indígenas e de escravos de origem africana já era praticamente o mesmo, mas a partir da segunda metade do século a quantidade de escravos africanos se intensificou, até o momento em que a mão-de-obra indígena foi totalmente abandonada.



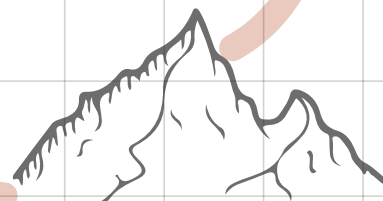
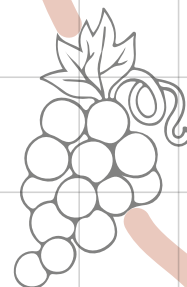
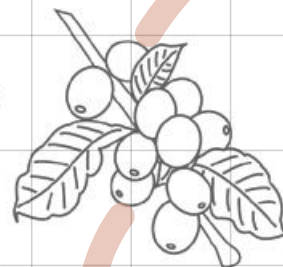
Nesta época as melhores casas eram de taipa e terra, enquanto os moradores mais humildes usavam o pau a pique, cobertas por sapé.

A partir da segunda metade do século XIX a produção cafeeira ganhou força para o oeste paulista, promovendo o crescimento da cidade. Com a produção cafeeira, posteriormente vieram a ferrovia e as indústrias, que se concentravam nas regiões próximas à ferrovia e às margens do Rio Guapeva, atendendo principalmente os segmentos têxtil e cerâmico.

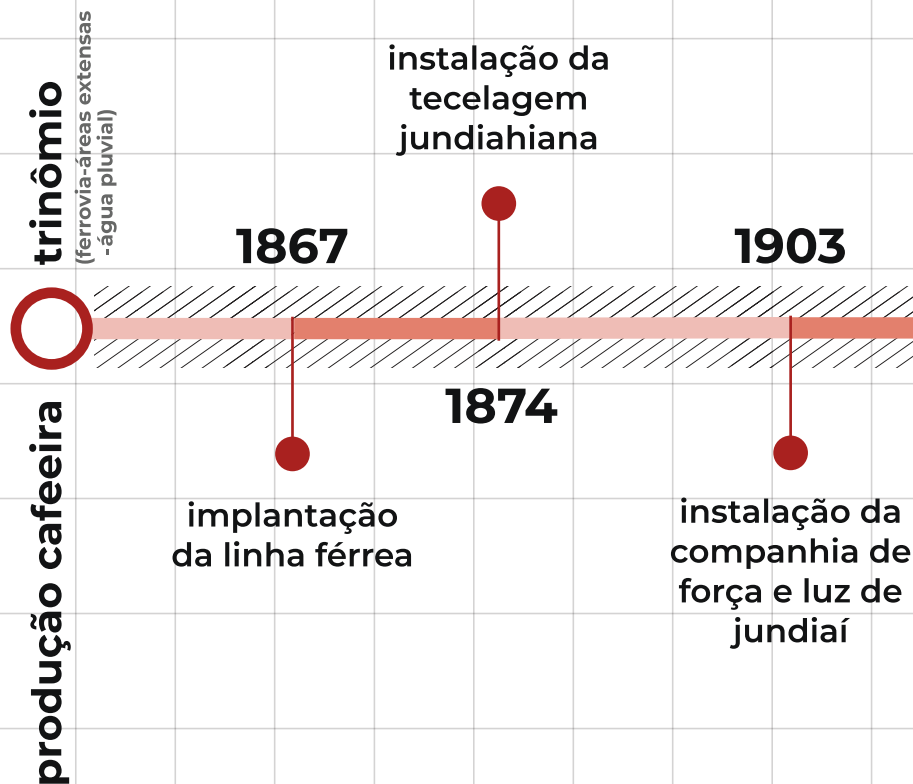
Foi também nessa época que os imigrantes – a maioria italianos – começaram a chegar na cidade e fincar suas raízes, alguns servindo de mão de obra para a indústria local, outros criando seus próprios meios de subsistência, especialmente a plantação de uva e outras culturas. Jundiá se despontou no cenário nacional com a produção de uvas de mesa, sendo criada em 1934 a *Festa da Uva*, como estímulo aos produtores locais, ficando assim conhecida por terra da uva e sede do Circuito das Frutas do interior paulista.

Jundiá também é conhecida por ter em seu território a maior parcela da *Serra do Japi*, que faz parte da região remanescente da Mata Atlântica no interior do estado de São Paulo, fazendo divisa com mais três municípios.

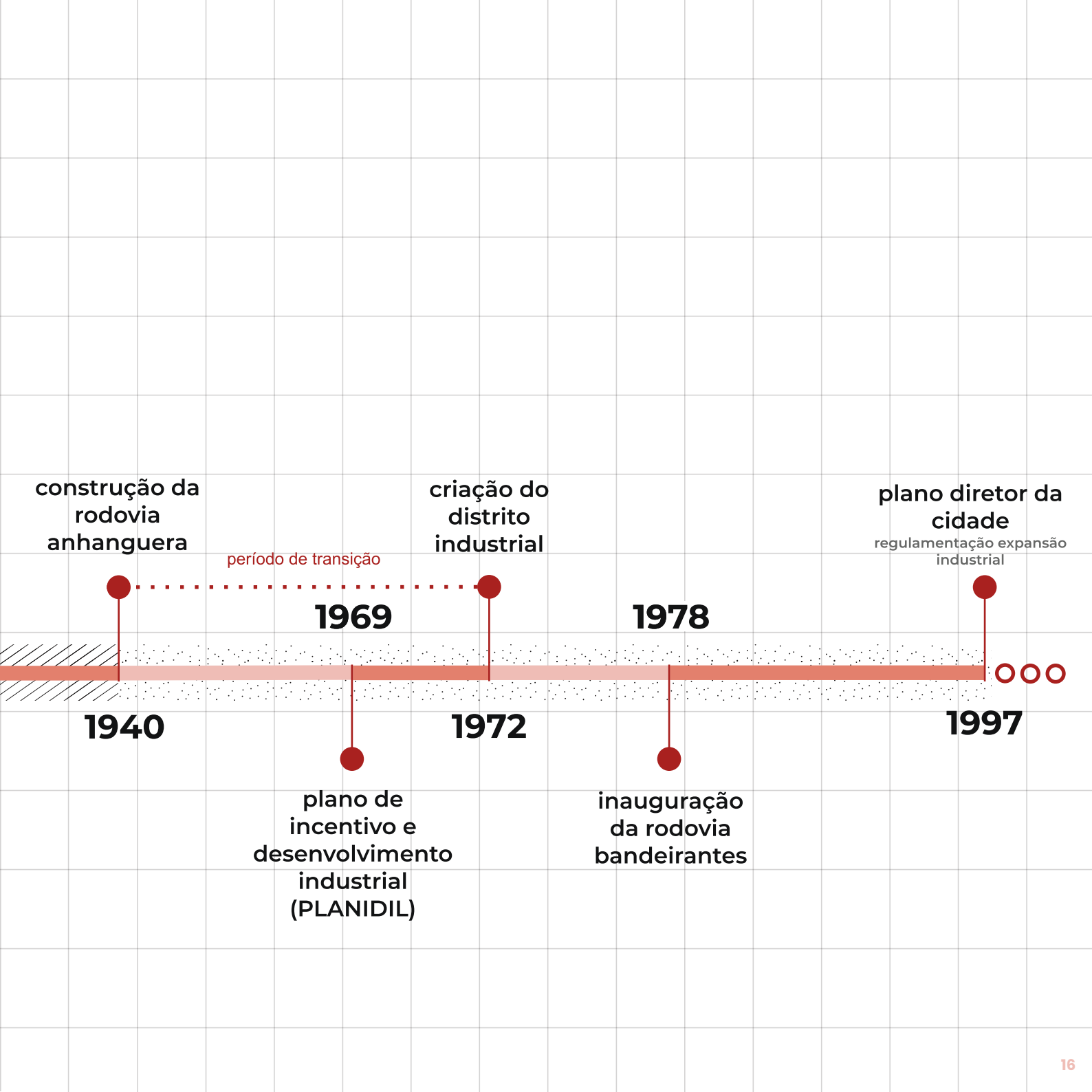
Atualmente se destaca no desenvolvimento das áreas ambiental, cultural, educacional e tecnológica. Perdurando até hoje sua vocação industrial, possuindo um dos maiores parques industriais da América Latina.



# pro- cesso de industrialização







construção da rodovia anhanguera

período de transição

criação do distrito industrial

plano diretor da cidade regulamentação expansão industrial

1969

1978

1940

1972

1997

plano de incentivo e desenvolvimento industrial (PLANIDIL)

inauguração da rodovia bandeirantes



O fato de Jundiáí ter sido pioneiro na sua industrialização pode ser o explicativo da sua evolução industrial, pois além do município ser um importante nó do entroncamento ferroviário, possibilitando a integração da cidade a outros mercados consumidores, as fontes de matéria-prima e a distribuição através do porto de Santos, Jundiáí também via crescer suas relações funcionais (indústria atrai indústria).



(DORIGON, 2014)

O processo de industrialização em Jundiáí pode ser dividido em dois períodos, de acordo com o geógrafo Marques (2008). O primeiro tem a ocupação de solo mista, indústrias dentro da mancha urbana, já o segundo é marcado pelo período de transição destas indústrias para fora da área residencial.

Partindo da produção cafeeira por volta da década de 1860, na qual houve a necessidade de se transportar grandes volumes de café, o transporte ferroviário foi tido como alternativa na cidade. Assim, foi construída a primeira linha férrea Santos-Jundiáí em 1867 para o escoamento de produtos até o porto de Santos.

Além da ferrovia, as áreas planas e águas pluviais foram essenciais para a ocupação industrial nesse período. A implantação das fábricas ocorre então, por essas características apontadas por Dorigon (2014), que utiliza o termo de “*trinômio*” - do geógrafo Juergen Richard Langenbuch - como características básicas e facilitadoras para o desenvolvimento industrial que se inicia em 1874, com a instalação da primeira indústria da cidade, a Tecelagem Jundiahiana, cuja as atividades, inicialmente, eram voltadas à fabricação de sacaria para o café.

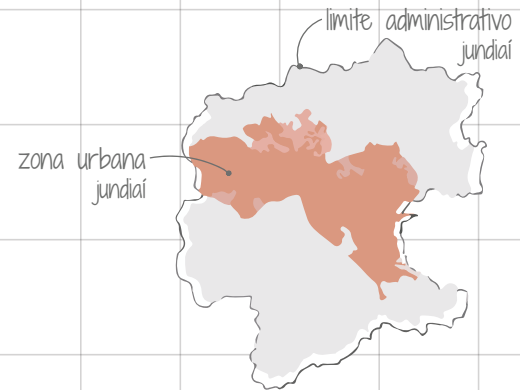
Ao longo do tempo outro fator importante para apropriação dessas indústrias no território, foi a instalação da Companhia de Força e Luz de Jundiáí, no ano de 1903, favorecendo suporte às indústrias.

O período de transição entre os dois momentos citados por ele, começa com a construção da rodovia anhanguera, em 1940 e também com a criação do distrito industrial, que tinha como principal premissa a despoluição da área urbana. Houve, anteriormente à criação do distrito, um plano de incentivo de desenvolvimento industrial intitulado como PLANIDIL, elaborado em 1969, após o plano de metas de JK e com intenção semelhante. Em 1978 houve a inauguração de outra rodovia na cidade, a Rodovia Bandeirantes, de extrema importância, assim como a Anhanguera, para o escoamento e logística das indústrias da cidade.

As indústrias migraram efetivamente para o novo distrito industrial da cidade criado em 1972 com o incentivo de desenvolvimento industrial. Além da regulamentação, em 1997, referente às expansões industriais somente nesta região, formalizando um distrito industrial, através do plano diretor da cidade. Esses processos colaboraram para o esvaziamento das áreas centrais industriais da cidade, além da principal mudança do padrão industrial nacional e global.



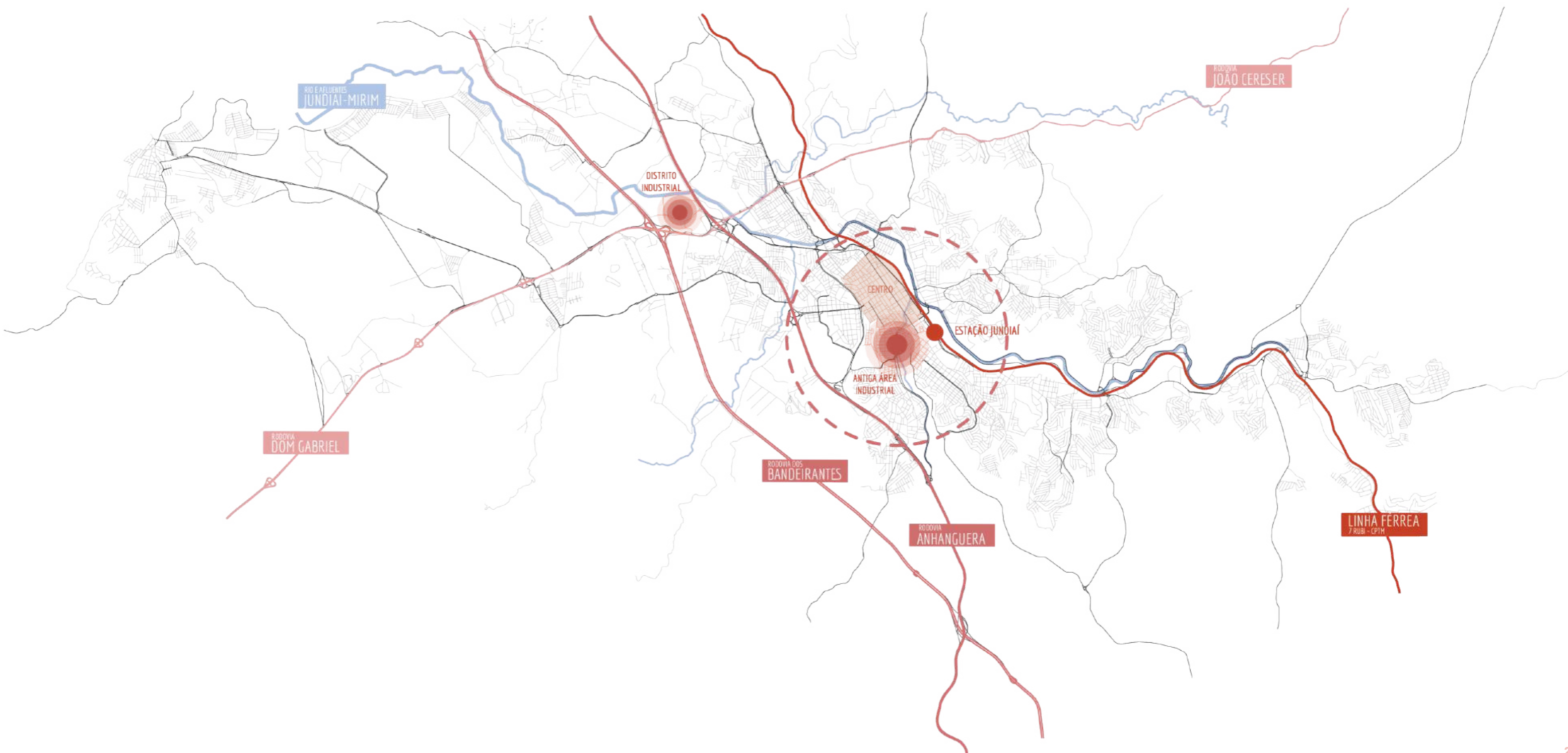
# mapa de jundiáí



## MAPA MACROZONA URBANA DE JUNDIÁÍ

No mapa da região da Macrozona Urbana de Jundiáí pode ser observado que com o processo de industrialização a cidade foi se desenvolvendo em torno do Rio Jundiáí e seus afluentes, além da linha férrea, com ligação à capital paulista e baixada santista, com a estação próxima à região periférica central, demarcada como Antiga Área Industrial (bairro Vila Arens), onde se deu a ocupação das indústrias no primeiro período do processo de industrialização. Passando posteriormente para o Distrito Industrial (apontado no mapa), na área periférica da cidade, o distrito está próximo ao entroncamento das rodovias Anhanguera e Bandeirantes e as transversais a estas a Dom Gabriel e João Cereser. O recorte de investigação foi delimitado à partir das fábricas que ainda permanecem na região da antiga área industrial, que se encontram em estado de abandono ou que foram reconfiguradas para novos usos.









BAIRRO VILA ARENS

[10]



[11]

DISTRITO INDUSTRIAL DE JUNDIAÍ

[12]



RODOVIAS DA CIDADE

A localização das antigas indústrias de Jundiáí, como dito anteriormente, ficam próximas da linha férrea e, em sua maioria, fazem parte da região central e bairros do entorno, sendo de maior concentração o bairro Vila Arens em que fica localizada a estação de trem.

De acordo com a pesquisa de Dorigon (2014) e com o mapeamento realizado, percebe-se que a ocupação das indústrias estão próximas aos recursos hídricos, instalando-se então indústrias do ramo têxtil, impulsionadas pela proximidade com os corpos d'água, uma das características marcadas pelo "trinômio" citado pelo geógrafo Juergen Richard, gerando a apropriação de regiões como estas pelas indústrias, principalmente do ramo têxtil.

O recorte de investigação das antigas indústrias foi elaborado de acordo com históricos pessoais (enquanto moradora da cidade), e também através de pesquisas em artigos sobre o processo de industrialização de Jundiáí. Algumas fábricas não foram mapeadas, visto que não possuem registros precisos e não se encontram mais em meio ao território, devido às reconfigurações ocorridas ao longo dos anos especialmente para dar lugar a novos empreendimentos dentro da lógica de mercado, ancoradas pela especulação imobiliária.





- 1 fábrica de tecelagem japy  
(tecelagem)
- 2 cia. tecelagem são bento  
(tecelagem)
- 3 cia. argos industrial s/a  
(tecelagem)
- 4 cerâmica deca  
(cerâmica)
- 5 francisco pozzani s/a  
(porcelana)

- 6 indústrias andrade latorre s/a  
(fósforo)
- 7 ferrovia paulista s/a - fepasa  
(estrada de ferro)
- 8 fleischmann royal ltda  
(alimentício)
- 9 vigorelli indústria de auto peças ltda  
(fundição)
- 10 fábrica cica  
(alimentício)

- rio jundiá-mirim
- raio de 1km  
(recorte das fábricas)

No mapa de usos atuais das fábricas, fica nítido as transformações e demolições, observando uma não conservação desses espaços que compõem parte da história da cidade, mas acabam sendo absorvidos pela lógica de mercado. Observa-se então, que de dez fábricas mapeadas no presente trabalho, cinco estão em estado de abandono (destacadas em laranja), das quais algumas estão à venda e outras sofreram demolições parciais ou por completo, restando apenas o terreno.

Duas das fábricas foram reconfiguradas para o uso residencial (destacadas em verde). Uma delas utilizou parte do galpão da fábrica como fachada de um condomínio residencial e a outra foi demolida por completo.

Dois edifícios industriais estão sendo utilizados como uso misto: institucional e cultural (destacados em roxo). Estes foram os únicos edifícios completamente preservados, promovendo ações culturais e abrigando programas institucionais de atendimento ao público.

Por último, a fábrica que foi totalmente demolida (destacada em azul) para a construção do segundo shopping de Jundiaí, foi um dos maiores empreendimentos construído em uma área que abrigava um edifício fabril.



**abandonada**  
(demolida/parte demolida/conservada)

**residencial**  
(demolida/fachada conservada)

**institucional/cultural**  
(uso misto - institucional, cultural e educacional)

**comercial**  
(demolida)

**rio jundiá-mirim**

**raio de 1km**  
(recorte das fábricas)

# fá- brica

paisagem  
na cidade



[13]



[14]

As fábricas revelam, em meio a paisagem urbana, um estado de abandono na cidade, com localizações privilegiadas principalmente sob o olhar especulativo.

A maior parte das fábricas do período industrial de Jundiá que se conformaram em meio às áreas residenciais, como dito anteriormente, foram demolidas dando lugar a empreendimentos comerciais e residenciais.

Algumas vem resistindo à essa lógica do mercado, porém sofrendo com a ação do tempo e passando a ser um espaço residual com potencial de uso para os habitantes de Jundiá.



[15]



[16]



[17]



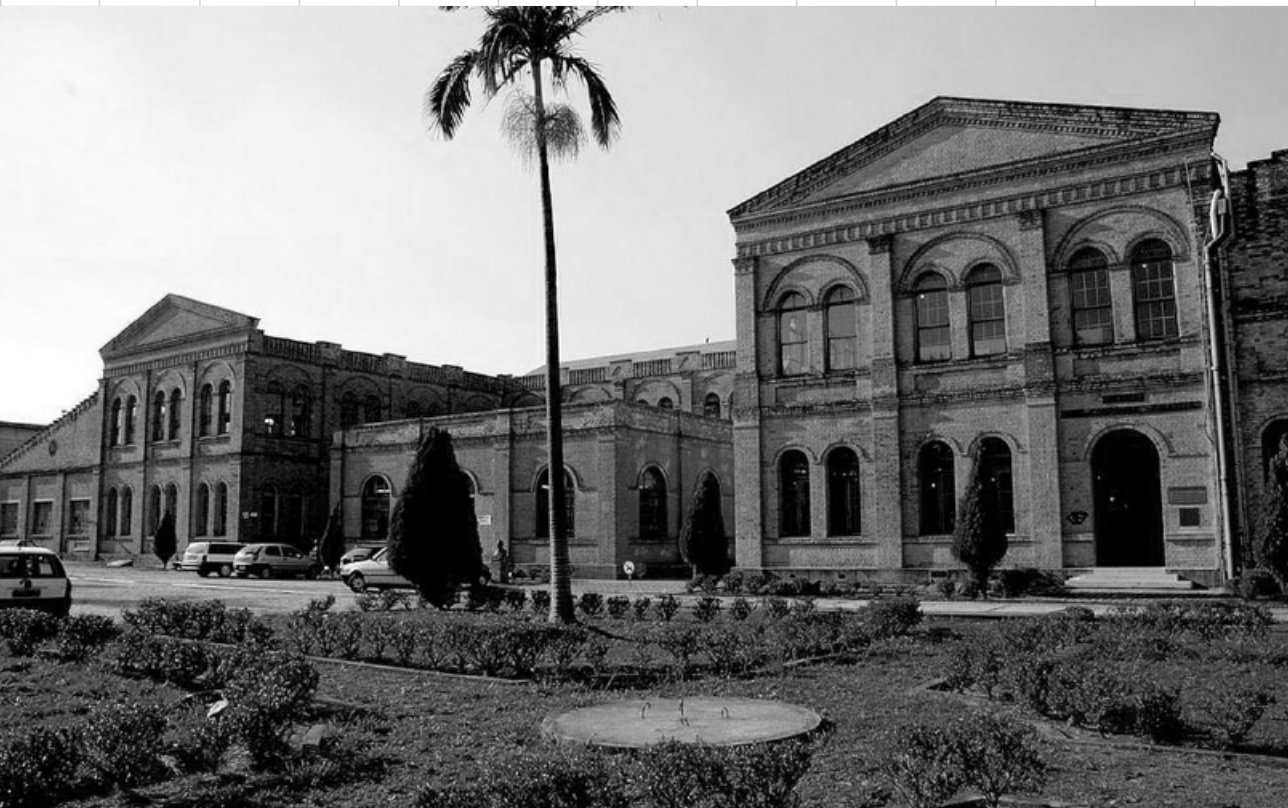
[18]



[19]

Em contrapartida o programa que mais preservou o edifício fabril, a memória local e patrimonial e de ocupação pública, foi o complexo FEPASA, único edifício tombado a nível nacional pelo IPHAN na cidade de Jundiá.

Ele tem um programa misto, institucional como o poupatempo e a faculdade técnica, além de cultural como museu da linha férrea, espaço da companhia de dança da cidade e sala de espetáculos, oficinas e outras programações culturais.



[20]

É inegável que a discussão sobre a conservação e restauro de um edifício que carrega história e remete a memória de um determinado local, povo ou cultura, deve ser refletido. Segundo Choay (2001) *“(...) qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para recordarem ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças (...)”,* são denominados Monumentos. Compreendido como um resgate à memória do passado, que se faz no presente.

Na contemporaneidade, o ato de conservar o monumento se dá de modo obsessivo, com inversão de valores, sucedendo em uma motivação de conservação muito mais estética, do que de fato a preservação de valores compartilhados entre os indivíduos e o local. Classificados por Françoise Choay, as relações que monumento e monumento histórico:

*“mantém, respectivamente, com o tempo, a memória e o saber, impõe uma diferença maior relativa à conservação”, sendo o monumento histórico, reconhecido como algo que de fato deve ter uma conservação realizada de modo obrigatório. Enquanto os monumentos “estão permanentemente expostos às injúrias do tempo vivido. O esquecimento, a desafecção, o desuso...” (CHOAY, 2001).*



Tais reflexões sobre as diversas formas de preservação e sobre as práticas de restauração realizadas a favor da manutenção das infra estruturas que carregam essas memórias, seja individual ou coletiva, é primordial para o estabelecimento de valores e até que ponto o edifício deve ser preservado ou não, considerando que a passagem temporal dessas edificações não necessitam, necessariamente, de uma linearidade.

Não convém adentrar nas particularidades de cada corrente de conservação e restauro, mas sim, trazer a discussão no âmbito de definição de premissas que serão consideradas projetualmente e, o mais importante, tomadas a partir de um pensamento do coletivo. Uma intervenção mínima, que possa manter a memória do passado, porém atendendo as necessidades do presente.



**O monumento tem por finalidade fazer reviver no presente um passado engolido pelo tempo.**



# definição

de premissas

Faz-se necessária a perspectiva de um restauro que favoreça uma apropriação, evidenciando que a história não está concluída, estimulando novas interpretações e permitindo que os habitantes e usuários deste território, façam parte dos novos acontecimentos e se apropriem do espaço para atribuir novas histórias pessoais e coletivas.

Princípios fundamentais que levam a atuação do restauro para um pensamento no qual o objeto arquitetônico não precisa ser visto como algo que vive do passado, mas sim, contam a história do passado e permite que o presente seja inserido, promovendo a não estagnação do edifício em seu estado primitivo. Uma ocupação voltada às práticas contemporâneas, sem deixar de evidenciar a história do território.

Partindo de um conceito de restauração, que tem como prática princípios conectados à noção de história e de uma postura que ressalta que a mesma não está concluída, o projeto segue uma lógica semelhante aos pensamentos de Lina Bo Bardi, de modo que se distingue a edificação do passado e a interpretação da mesma no presente.

Segundo Birrenbah (2003), Lina apesar de utilizar o método de *"Restauração Científica"* por

fazer parte de sua formação acadêmica, a arquiteta " (...) não os acata em um ponto fundamental: as novas incorporações, embora sejam poucas, são nitidamente contemporâneas(...)", e necessárias para evidenciar o caráter atual do restauro da construção histórica. Ao contrário do que era defendido por seu professor, Giovannoni, intervenções neutras e sem destaque.

Apesar de existirem correntes de restauro que seguem o conceito de reconstruir o edifício do mesmo modo em que se encontrava em seu estado primitivo, criando de certa forma um falso histórico, essa não era a intenção dos que usufruíam das técnicas e práticas do Restauro Científico.

Intervenções que conserve todo o conteúdo poético do monumento e que procura integrá-lo na vida moderna, sublinhando aspectos estruturais, não alterando a amplitude dos espaços e seu aspecto rústico (com poucos elementos de acabamento), e considerando que, apesar das intervenções serem distintas da construção, a mesma não deve se destacar e sobrepor a obra consolidada no passado. Essas são características de algumas obras de Lina Bo Bardi e da prática de seu *"Restauro Crítico"*, as quais guiam o entendimento e a reinterpretação das práticas de projeto, entendendo o território proposto e as histórias coletivas, além de pensar nas práticas contemporâneas, necessárias no atual momento.

//

passado e  
presente, devem  
contar histórias  
juntos.

//

# um novo olhar

O agora se faz urgente, devemos voltar nossos olhares para as nossas práticas enquanto seres humanos e arquitetas urbanistas. Segundo Guizzo (2019, p.14), *“Diante do cenário atual de trevas, faz-se necessário repensar praticamente tudo, e nisso se incluem os modos de desenhar e construir os territórios(...)”*.

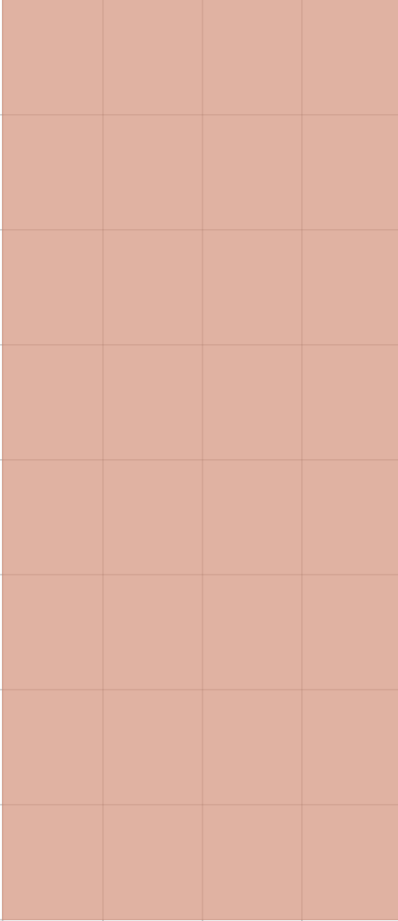
Estamos acostumados com práticas que nos levam a um modelo central e que geram cenários fictícios da realidade local, nos distanciando do território e de nossa essência.

*“A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.” (KRENAK, 2019, p.22).*

Com a intenção de repensar esse modo de habitar, é necessário descolar-se dos hábitos projetuais, no qual a arquitetura, em meio ao caos contemporâneo, também é alvo de uma *“(...) ideologia do mercado, a partir da qual há uma tendência quase irresistível a tratar todos os aspectos da vida como objetos de consumo, muito bem embalados em imagens sem substância.” (MAHFUZ, 2001)*. A dominação por esses padrões de consumo, nos força para fora desta convencional, interpretando, assim, os obstáculos.



[21]



A arquitetura também faz parte deste pensamento e se torna cada vez mais cenográfica, com uma ideia de monumentalidade e notoriedade da qual não dialoga com o território local, passando uma sensação de vazio interior. Reforçando ainda mais a ideia de mudar nossos olhares e devolver aos nossos territórios uma resposta.

No campo da arquitetura, tal resposta desperta um pensar e um fazer muito mais singelo e poético, do que uma concepção imponente e que dê notoriedade a uma única figura: o arquiteto.

Um projeto que guie no âmbito contemplativo, que toque o indivíduo e transpasse uma percepção de seu território, suas origens e uma reconexão com o habitar.

As participações neste sentido, se fazem necessárias, transformando o papel que é considerado de um único indivíduo - o arquiteto - para uma participação mais ampla.

*“(...) é cada vez mais crescente a demanda por uma atitude de projeto participativa, ou menos autoritária, que busque situar o desenho no território, que aborde dispositivos colaborativos e que envolva os habitantes, humanos ou não, no desenho do seu próprio habitat.” (GUIZZO, 2019, p.22).*

O fato de falarmos de uma participação não humana, soa estranho no ponto de vista da sociedade que está acostumada a esperar construções coordenadas por humanos e pensadas apenas para tal.

Dar lugar a esta participação não é uma atribuição fácil, porém necessária em tempos como estes, nos tirando de uma visão até então construída de um protagonismo humano (Antropoceno) e passando a compreender outras ordens.

Tais ordens na qual Santos (2017) discorre em seu artigo sobre a proposta da arquiteta Carla Juaçaba para o concurso nacional do IMPA (Instituto de Matemática Pura e Aplicada) em 2015, no qual a visão da arquiteta se tratava da participação de outras ordens sem ser ela a única agente, trazendo uma proposta de escuta do território e uma “(...) ideia de que as plantas e o terreno projetavam tanto quanto ela(...)”. (SANTOS, 2017)

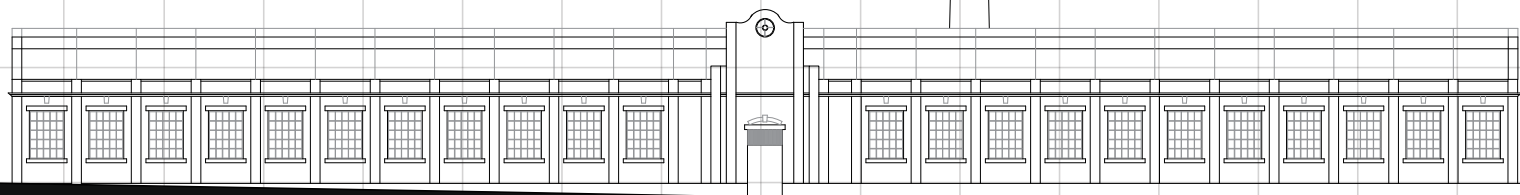
Esse olhar e lugar de escuta gera uma desafeição aos que estão acostumados, como dito anteriormente, a uma ideia de controle humano. Para que a relação do ser humano com o seu território volte ao lugar de escuta, do qual há tempos se perdeu, exige-se uma imersão em um espaço de contemplação e introspecção para, consequentemente, afetar a proximidade entre indivíduo e território e vice-versa.

“  
No lugar de um projeto que evoque a presença do humano emancipador e domador da natureza, Juaçaba oferece caminhos agradáveis, encontros no chão, molhar-se com a chuva, tornar-se, em resumo, um habitante da mata.  
”

# re[ha- bitar] a fábrica

Em resposta às questões levantadas no presente trabalho, tem-se como proposta “rehabitar” o espaço residual industrial, que se encontra em estado de abandono ou sob olhar especulativo dos empreendimentos imobiliários, que têm forte domínio sob os terrenos e edifícios fabris na cidade de Jundiá. A escolha da **FÁBRICA DE TECELAGEM JAPY** ocorre à partir da percepção da poética industrial que é estabelecida com o seu entorno. Fábricas que deixaram suas marcas pelo bairro vila arens e proximidades, que remetem à história fabril e permite um percurso de resgate e conexão entre elas.

Em seu próprio nome a fábrica também carrega a paisagem natural da Serra do Japi (remanescente da mata atlântica no território), e a origem tupi guarani, no qual “Japy” significa nascentes de rios. Rios estes que fizeram parte do histórico das indústria têxtil na região.





## entorno vila arens



A **FÁBRICA DE TECELAGEM JAPY** fica localizada no bairro Vila Arens (um dos primeiros bairros da cidade), próxima à estação de trem, terminal de ônibus municipal, igrejas, escolas e um farto comércio local, além das feiras aos domingos que ocorrem na avenida próxima ao terreno (Av. dos Ferroviários). O entorno imediato do terreno é de uso residencial e predominantemente comercial.

# entorno vila arens

CHAMINÉ  
FÁBRICA JAPY

VIADUTO DA  
"DURATEX"

BAIRRO  
VILA ARENS

MESQUITA

SERRA

CHAMINÉ  
FÁBRICA  
ARGOS



# entorno vila arens

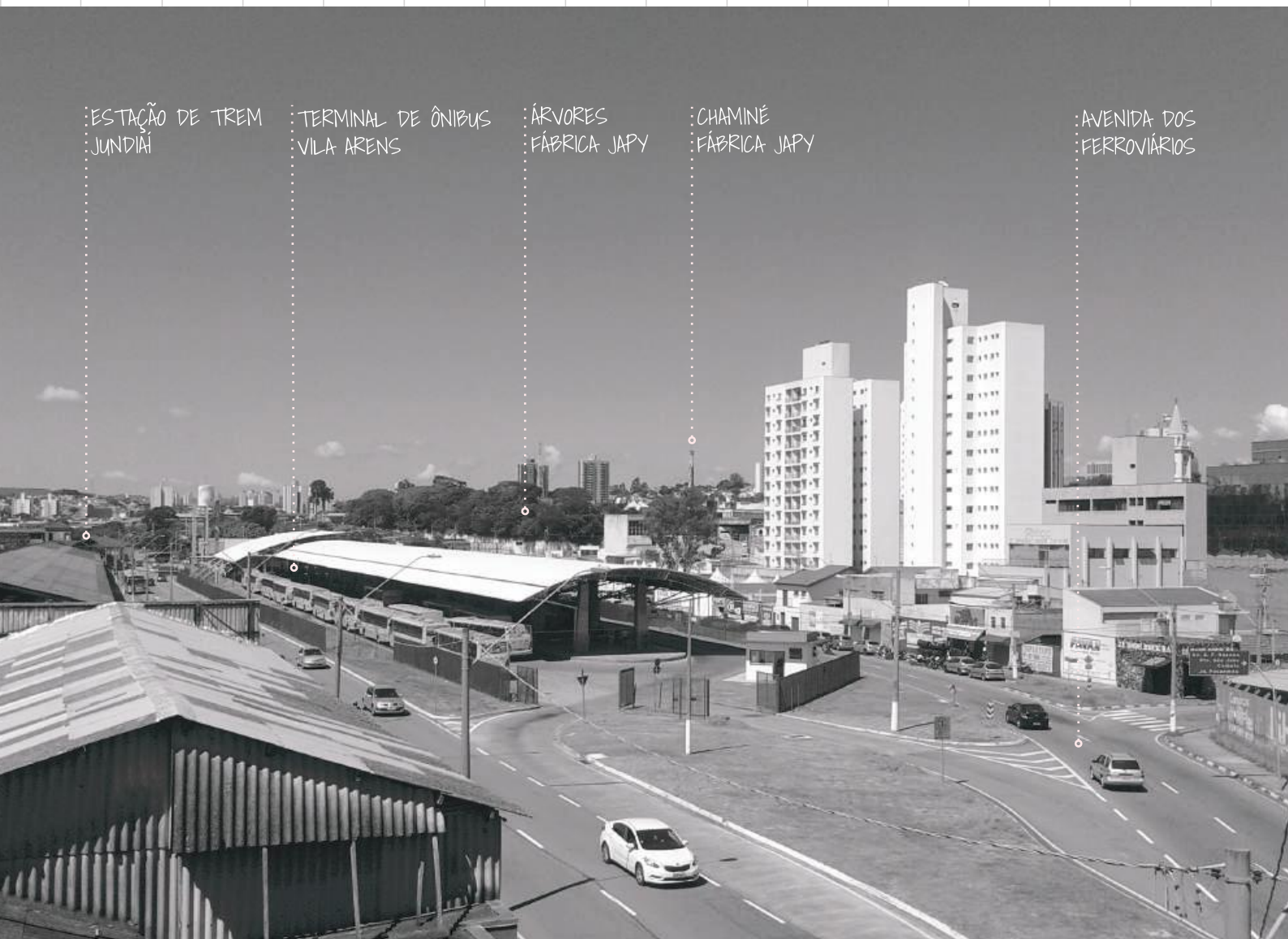
ESTAÇÃO DE TREM  
JUNDIAÍ

TERMINAL DE ÔNIBUS  
VILA ARENS

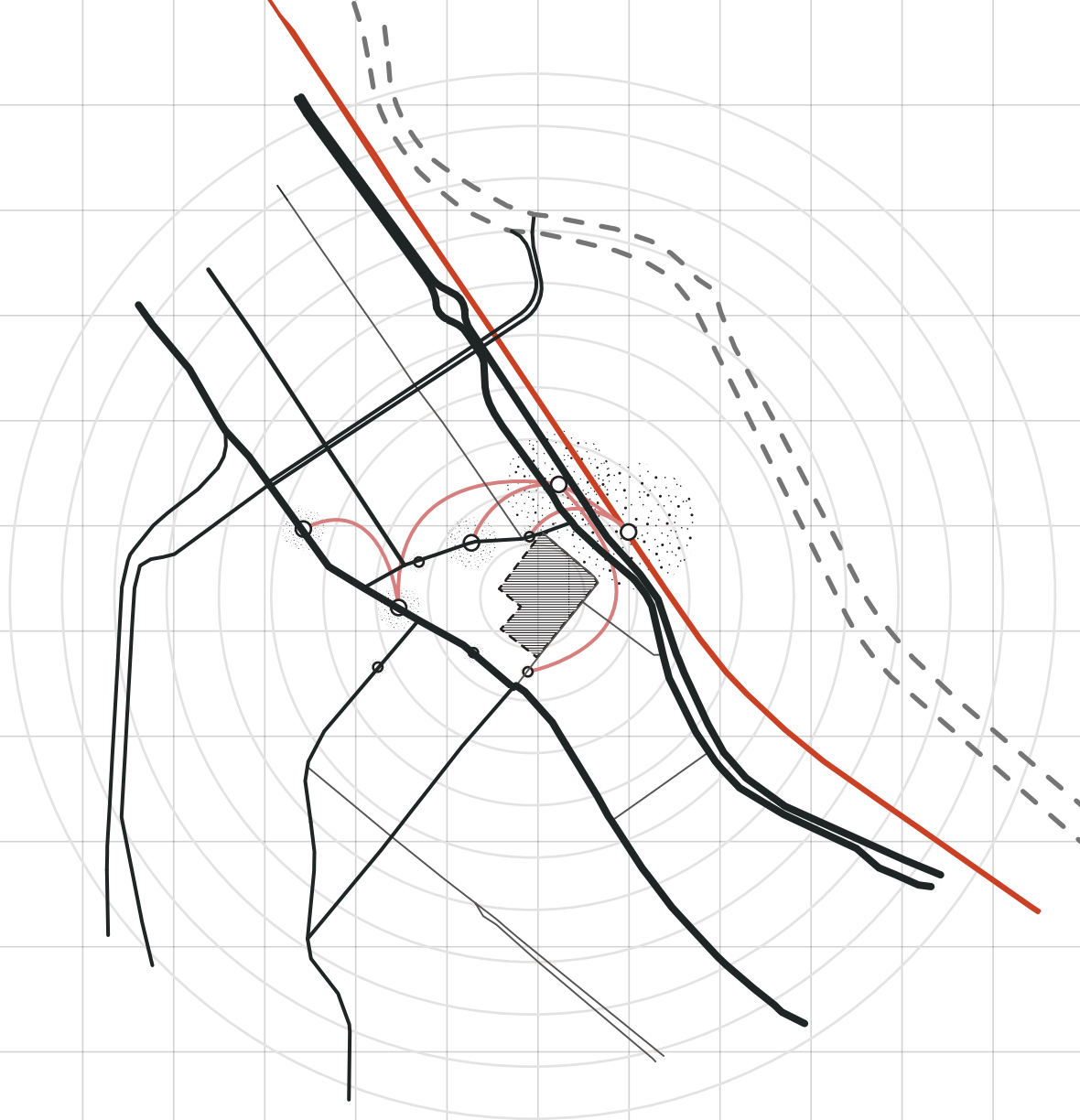
ÁRVORES  
FÁBRICA JAPY

CHAMINÉ  
FÁBRICA JAPY

AVENIDA DOS  
FERROVIÁRIOS

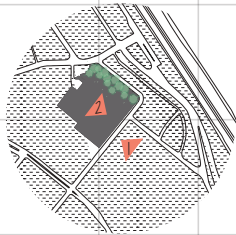


# diagrama de fluxos



-  terreno
-  via de fluxo baixo
-  via de fluxo médio
-  via de fluxo intenso
-  via de fluxo intenso com influência no bairro
-  linha férrea
-  transporte fluxo intenso
-  transporte fluxo médio
-  conexão entre fluxos
-  fluxo de pessoas conexão transporte

O bairro Vila Arens possui alto fluxo de pessoas, devido ao entroncamento de transporte público que se encontra na região (como pode ser analisado no diagrama), estação de trem, terminal de ônibus municipal, pontos de ônibus intermunicipais e vias de automóveis com alto fluxo pela proximidade ao centro da cidade, consistindo em um bairro de fácil acesso à todos os habitantes da cidade e visitantes da mesma.



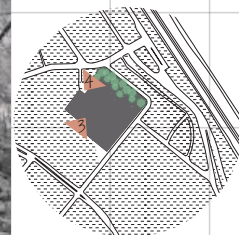
tecелagem  
**japy**

[24]

Boa parte do antigo edifício industrial da **FÁBRICA DE TECELAGEM JAPY**, foi demolido para dar lugar à um empreendimento residencial que teve a obra embargada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). Grande parcela da fábrica foi demolido, restando apenas dois módulos do galpão, que hoje encontra-se em fase de restauro, junto à chaminé que já era tombada por lei municipal quando as obras do empreendimento iniciaram.



3



[26]

RAMPA DE  
ACESSO AO  
SUBSOLO

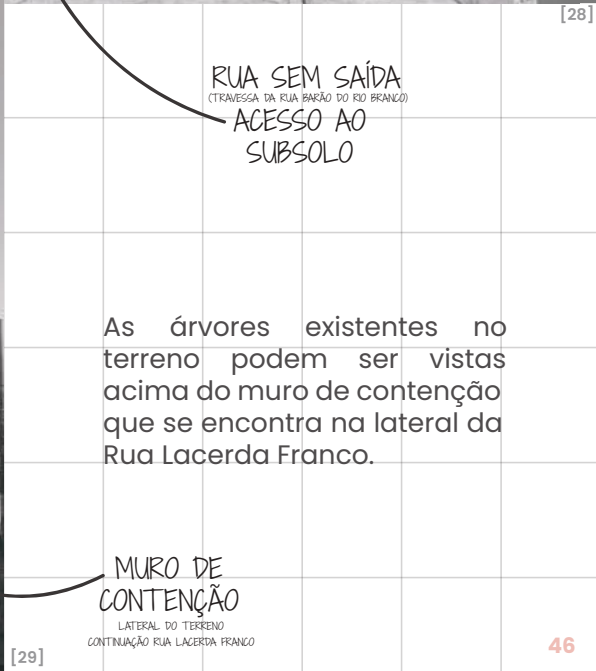
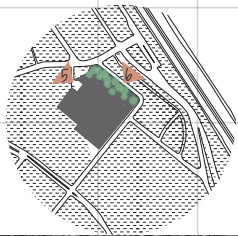
Além do galpão, resta o subsolo como área construída, com acesso através da rampa existente no térreo (que tem a fachada principal voltada para a Rua Lacerda Franco) e também acessando-o por uma rua sem saída (travessa da Rua Barão do Rio Branco).

SUBSOLO COM  
ACESSO À RUA  
SEM SAÍDA

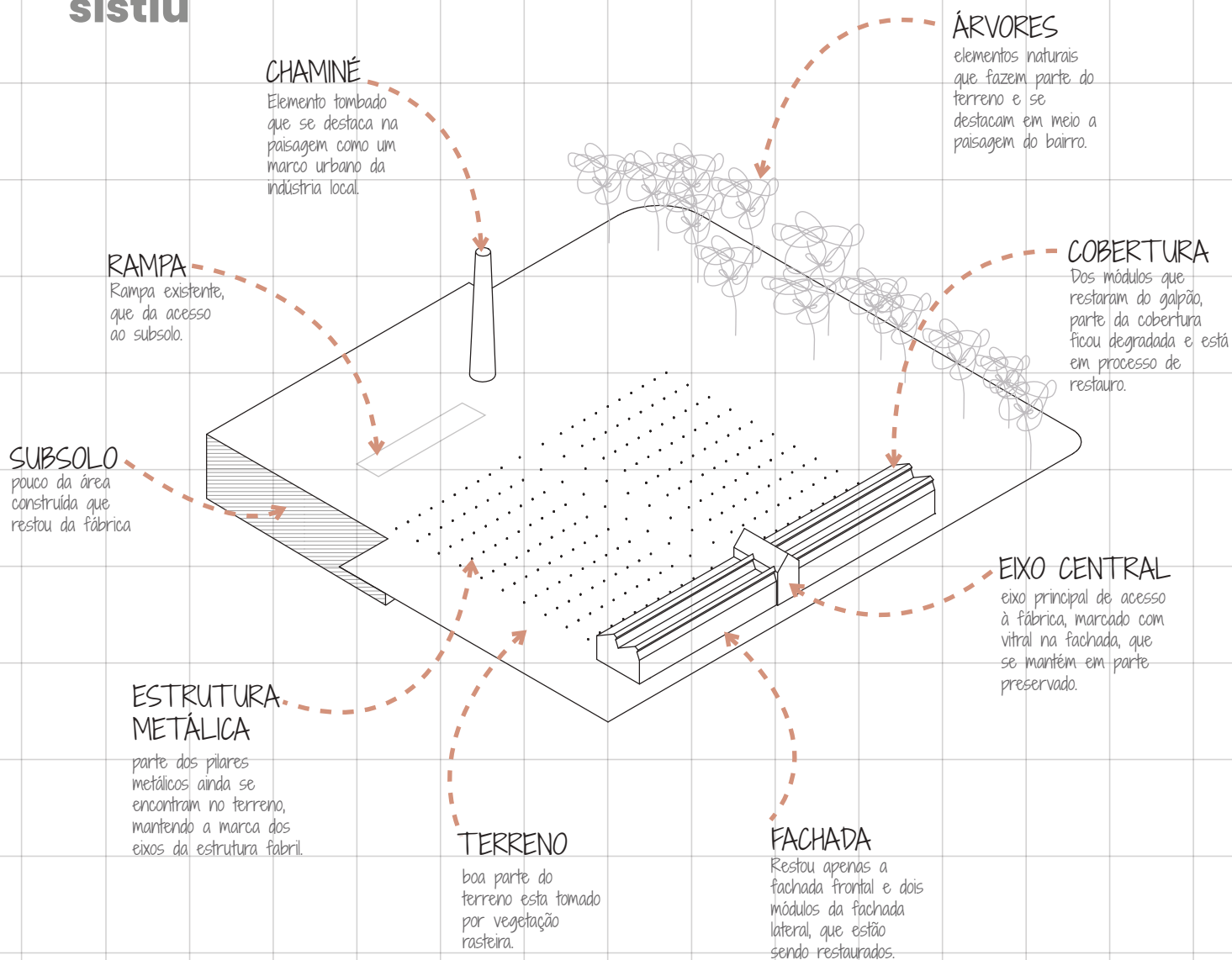


4

[27]



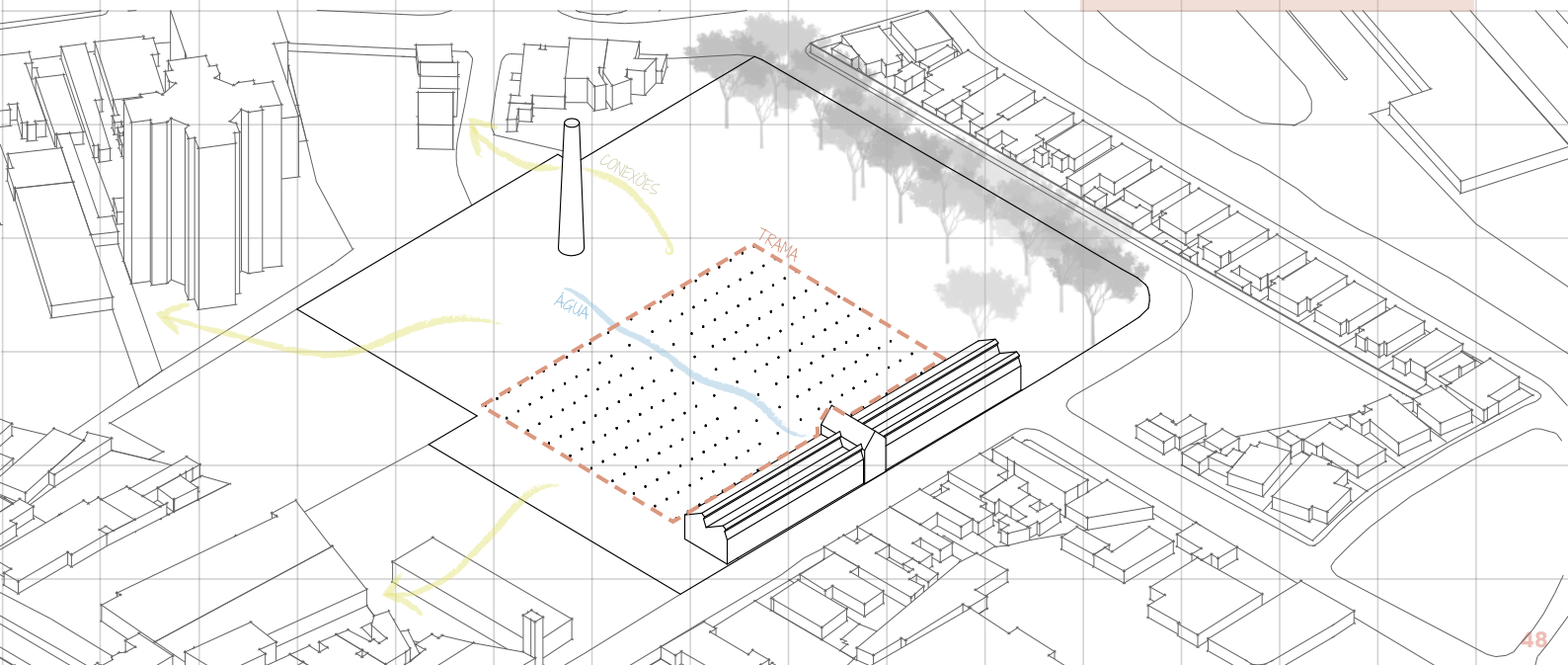
# tudo o que re- sistiu



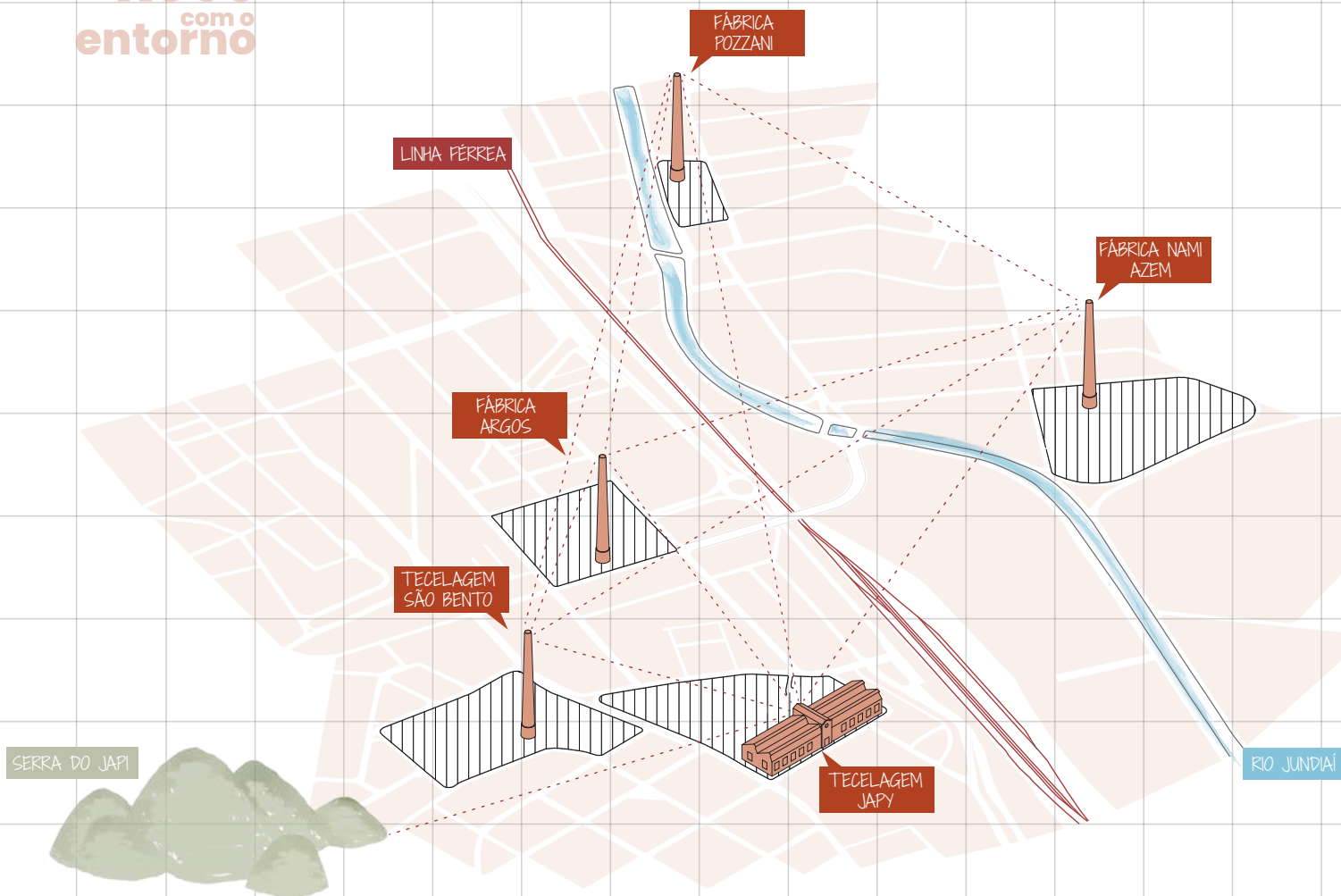


A partir das pré-existências encontradas na **FÁBRICA DE TECELAGEM JAPY** e com a ideia de uma intervenção mínima, tem-se como intenção, criar um percurso através do caminhar e contemplar do interior do terreno, a partir dos resquícios da estrutura fabril demolida (a trama), e expandir-se para o entorno, gerando conexões entre as marcas deixadas pelas indústrias que não resistiram a lógica de mercado, mas que carregam história e uma poética industrial local.

Além disso, resgatar parte da mata que antes habitava este território Tupi Guarani e dar continuidade na ocupação das árvores existentes do terreno. Conectar-se com a Serra do Japi na qual faz parte da paisagem natural (que pode ser contemplada quando se está na fábrica), através de visadas ao longo do percurso a ser criado e com um paisagismo naturalista, trazendo plantas nativas da mata atlântica para o projeto, permitindo uma aproximação dos indivíduos com o bioma local. A água fará parte do projeto como um corpo que atravessa o terreno e remete ao significado dos nomes da cidade e da fábrica, unindo o percurso gerado à partir da trama.



# conexões com o entorno



A ideia do percurso entre as fábricas e a paisagem ocorre à partir da **FÁBRICA DE TECELAGEM JAPY**, de onde pode ser visto a Serra do Japi e também as chaminés que restaram das fábricas demolidas, que resistem em meio às torres de edifícios residenciais instauradas no bairro. A partir das visadas encontradas, pretende-se gerar uma conexão por meio de estruturas que proporcionem o caminhar suspenso com a paisagem, com a mata e a poética dos elementos industriais em meio a cidade.



[30]

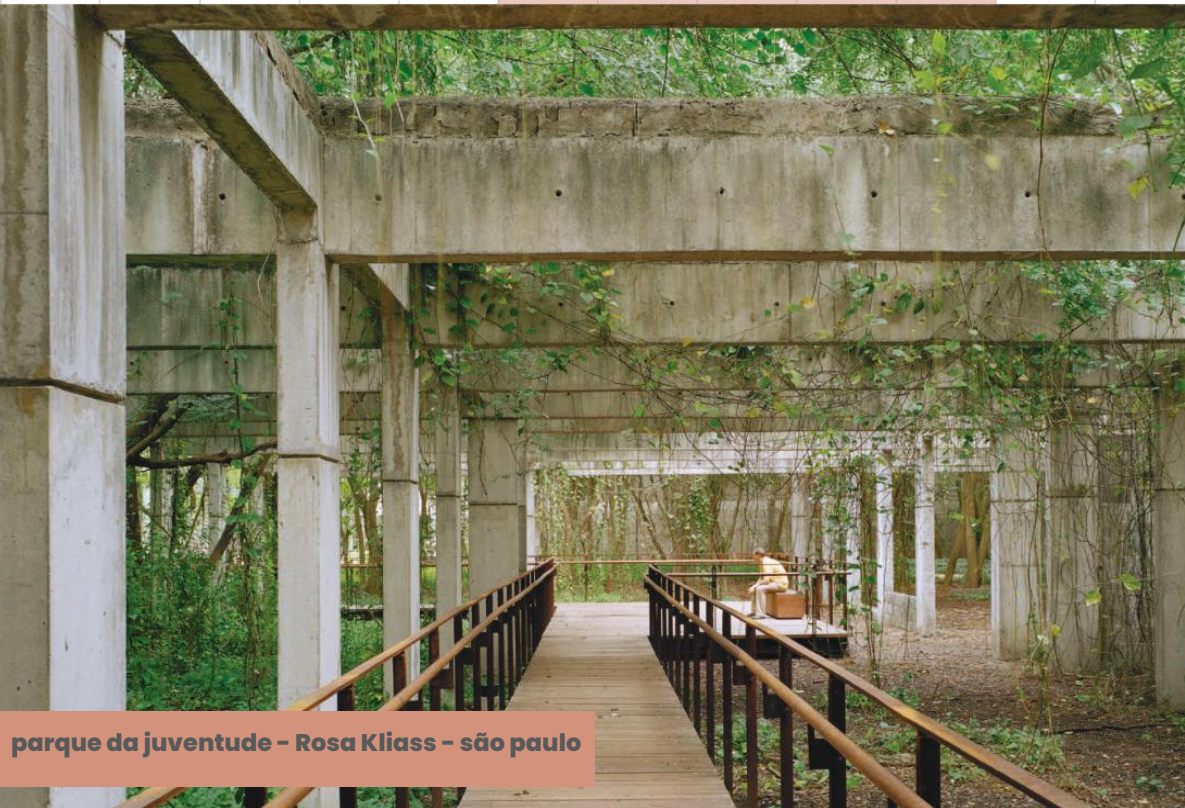
Para conseguir traduzir e interpretar este território e responder estas questões, buscou-se referências que ajudem a transpor neste espaço, tanto projetualmente, como de programa, a utilização de ferramentas de escuta como processo, além da poética do espaço e de materialidade.

# refe- rência projetual

cami-  
nhar.com  
as árvores



[31]



parque da juventude - Rosa Kliass - são paulo

revitalização e  
reativação da área do  
antigo complexo  
carandiru

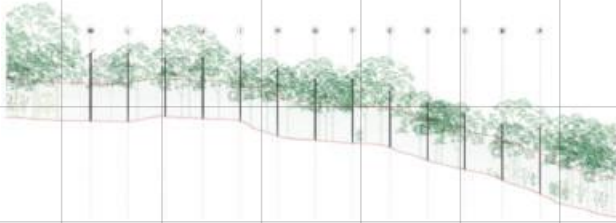
+

ruínas e estruturas do  
antigo pavilhão preser-  
vadas pela paisagista

+

caminhar com as  
árvores

[32]



CORTE TRANSVERSAL  
 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO  
 MALMÖ, SUÉCIA

[33]

flor-  
 esta  
 escuta

arquiteta como uma  
 das agentes do pro-  
 cesso, que dá espaço  
 a outros agentes

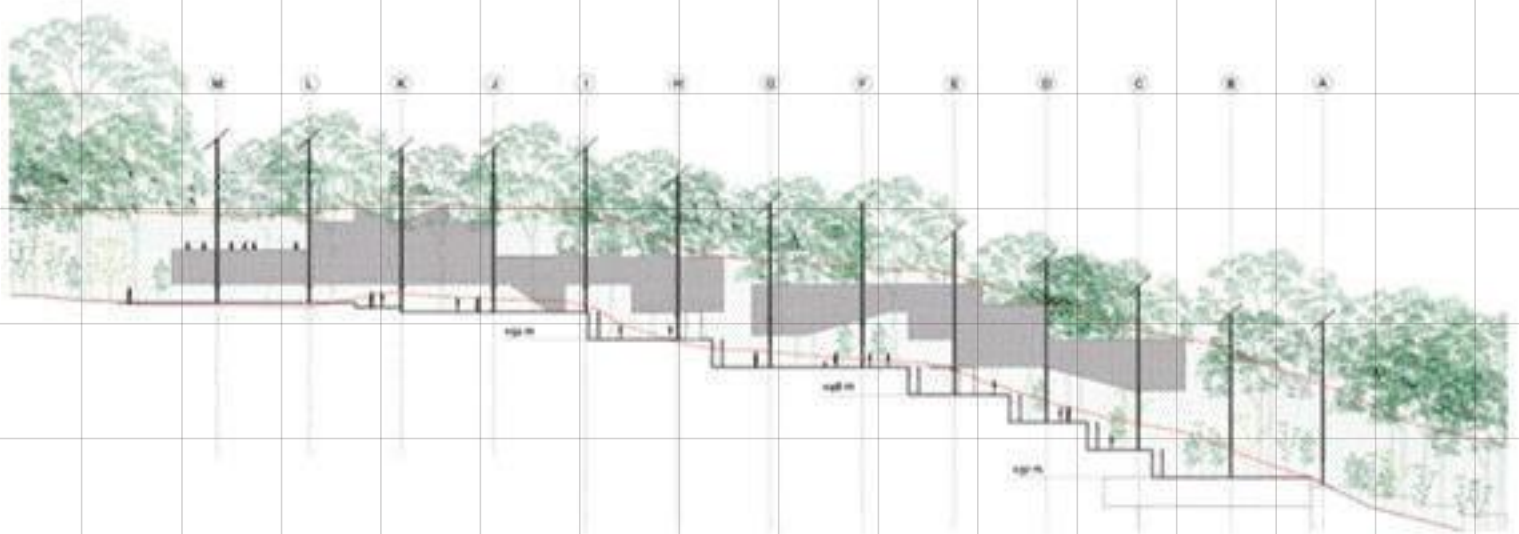
+

habitar a floresta

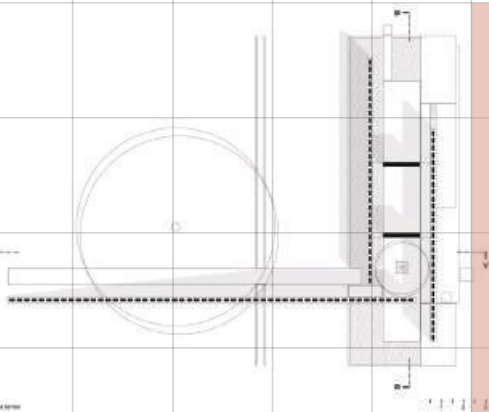
+

estrutura como  
 infraestrutura

[34]



CORTE TRANSVERSAL  
 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO



**direcio-  
namento  
materialidade**



[36]



**capela inga-mirim - Messina | Rivas - itupeva-SP**

muros de pedra dire-  
cionam continuidade  
entre a paisagem

+

construção com mate-  
riais pré-existentis de  
antigas construções  
locais

+

sugere um uso aberto,  
sem cobertura e  
integrado a paisagem

[37]



[38]

natu-  
reza  
materialidade



[39]

arquitetura construída  
com o passar do tempo

+

materialidade remete a  
ideia de continuidade da  
construção

+

uso de materiais locais

+

elementos da natureza  
como protagonistas  
(terra, ar, fogo e água)

Museo del Clima - Toni Gironès - Lérida 2017

# refe- rência programa



[40]



trans.lab.urb - Porto Alegre

[41]



laboratório cidadão

=

ativações urbanas com  
pequenas ações de  
transformação urbana e  
social

+

integração da comuni-  
dade junto ao projeto



[42]



[43]

coletivo interdisciplinar

=

método democrático e  
cooperativo

+

ativação de espaços  
residuais

+

projetos eficazes e  
acessíveis

## ASSEMBLE



assemble - Inglaterra

[44]

# pro- posta programa

## ÁREAS EDIFICADAS

GALPÃO

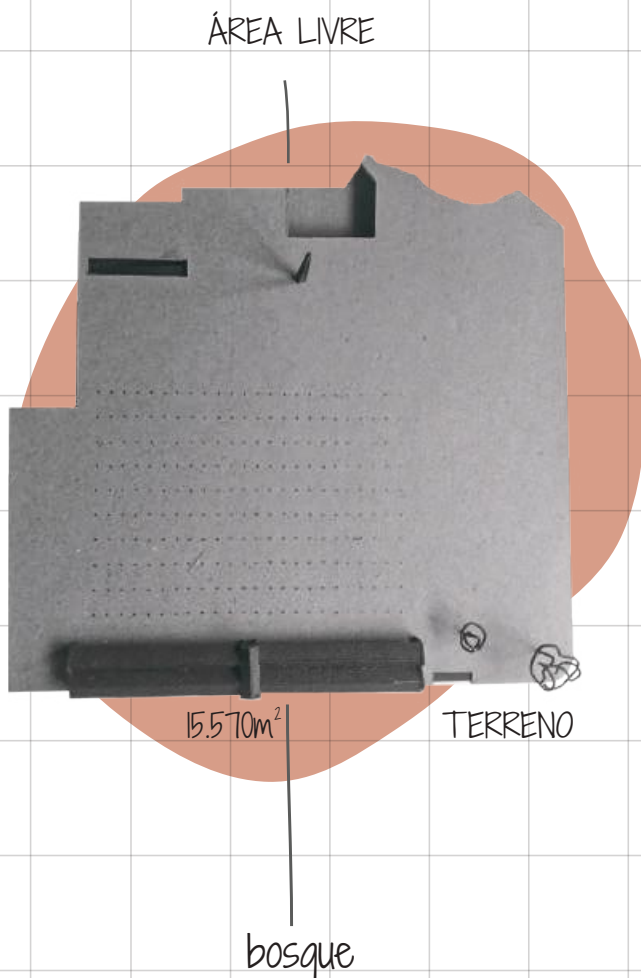
1.030m<sup>2</sup>

centro de reflorestamento

SUBSOLO

1.070m<sup>2</sup>

laboratório cidadão



Em resposta às inquietações levantadas anteriormente, referente a cidade contemporânea, a intenção de projeto e programa para a fábrica escolhida, defini-se em utilizar as áreas já construídas (subsolo e galpão) para a implementação de laboratórios cidadãos e um centro de reflorestamento, além de conectar os habitantes com o território, através da área livre do terreno.

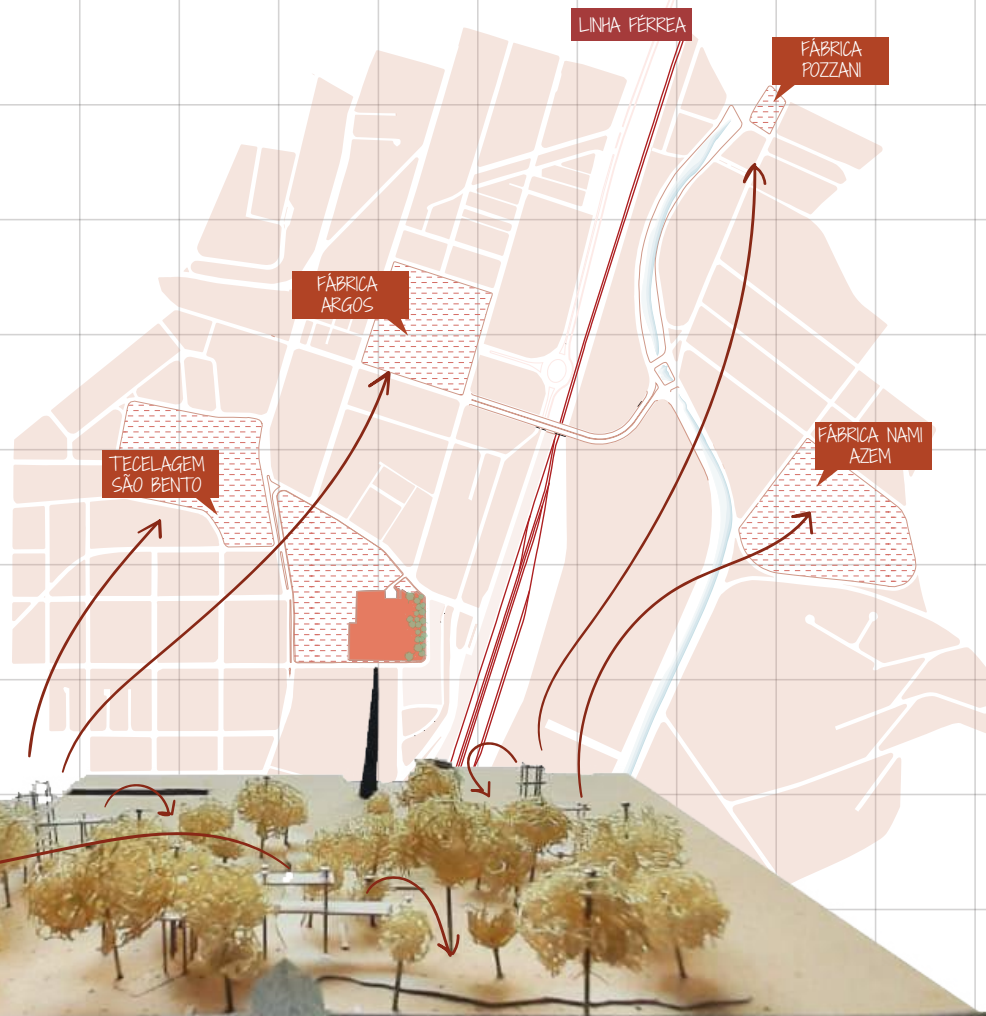
O programa passa a ser de ocupação orgânica pelo laboratório cidadão nas áreas edificadas (subsolo), visto que o uso do espaço se dá de acordo com as necessidades (estabelecidas junto à comunidade, devido ao seu modo de operar e construir com a cidade).

Para a área livre, haverá o mínimo de intervenção possível, resgatando à cidade um espaço de conexão com o território e convivência do coletivo, uma vez que o bairro (Vila Arens) e a região central não possuem espaços verdes e de respiro, além de agregar uma unidade de reflorestamento (galpão da fábrica), para incorporar áreas verdes em outros espaços públicos e/ou residuais da cidade.

# pro- posta

estudo de  
projeto

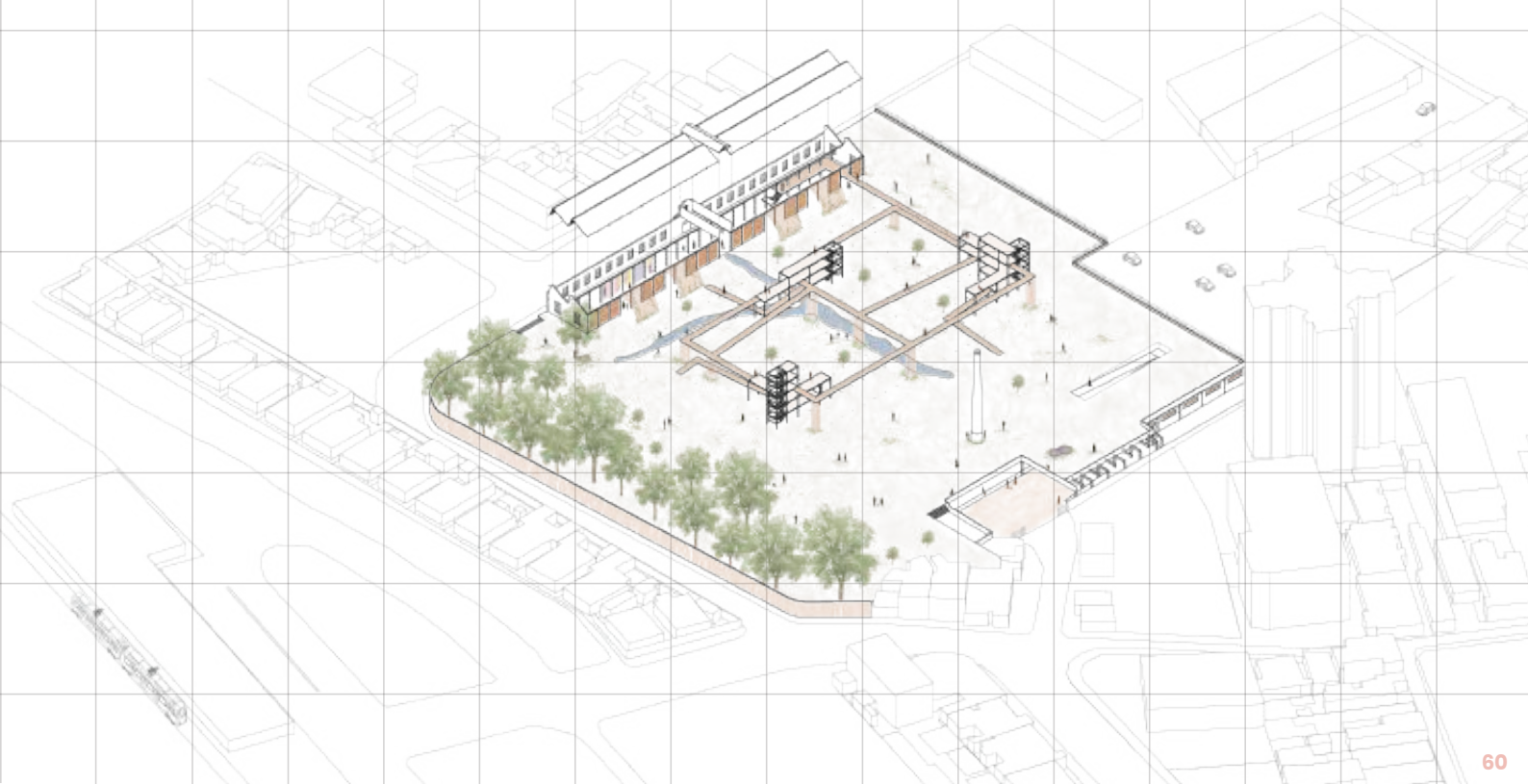
A intenção de projeto, principalmente para a área livre, é gerar eixos caminháveis que ora flutuam e ora conduzem o olhar do indivíduo para a serra, para as marcas industriais deixadas em seu entorno e, também, para o que está dentro: a mata, o galpão da fábrica, a água que toca e dilui a trama da estrutura fabril, antes existente. Sensibilizar o indivíduo, conduzi-lo a olhar um novo habitar, antes residual, agora poético e sensível - [re]conectado.



A proposta para o térreo é de manter o galpão em seu estado original (atualmente restaurado) e realizar o fechamento da face que se encontra aberta para o terreno, além da construção de equipamentos de apoio para o centro de reflorestamento (copa e sanitários).

Na área livre, seguindo o desenho da trama, são pensadas três estruturas caminháveis, que seguem a trama industrial e permitem a conexão com o entorno e interior da Fábrica Japy, através de rampas e passarelas que criam esses percursos pela trama e colaboram para tal conexão.

Os acessos e as árvores existentes serão mantidos e o chão que hoje se encontra coberto por concreto voltará a ser terra, com isso novas espécies de árvores e plantas nativas do bioma local serão propostas para a implantação ao longo do terreno, dando continuidade à mata existente.



planta  
térreo



ACESSO  
SUBSOLO

ÁREA DE  
EVENTOS

ÁRVORES  
EXISTENTES

RAMPAS DE  
ACESSO À  
ESTRUTURA

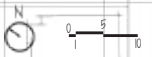
ESTRUTURAS  
CAMINHÁVEIS

FECHAMENTO  
PERMEÁVEL

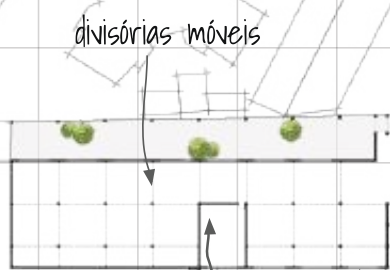
EQUIPAMENTOS  
DE APOIO  
sanitários

ACESSO  
GALPÃO

ACESSO  
ÁREA LIVRE

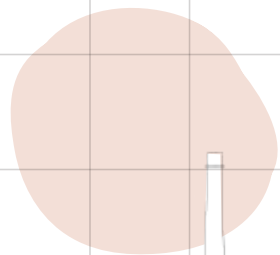
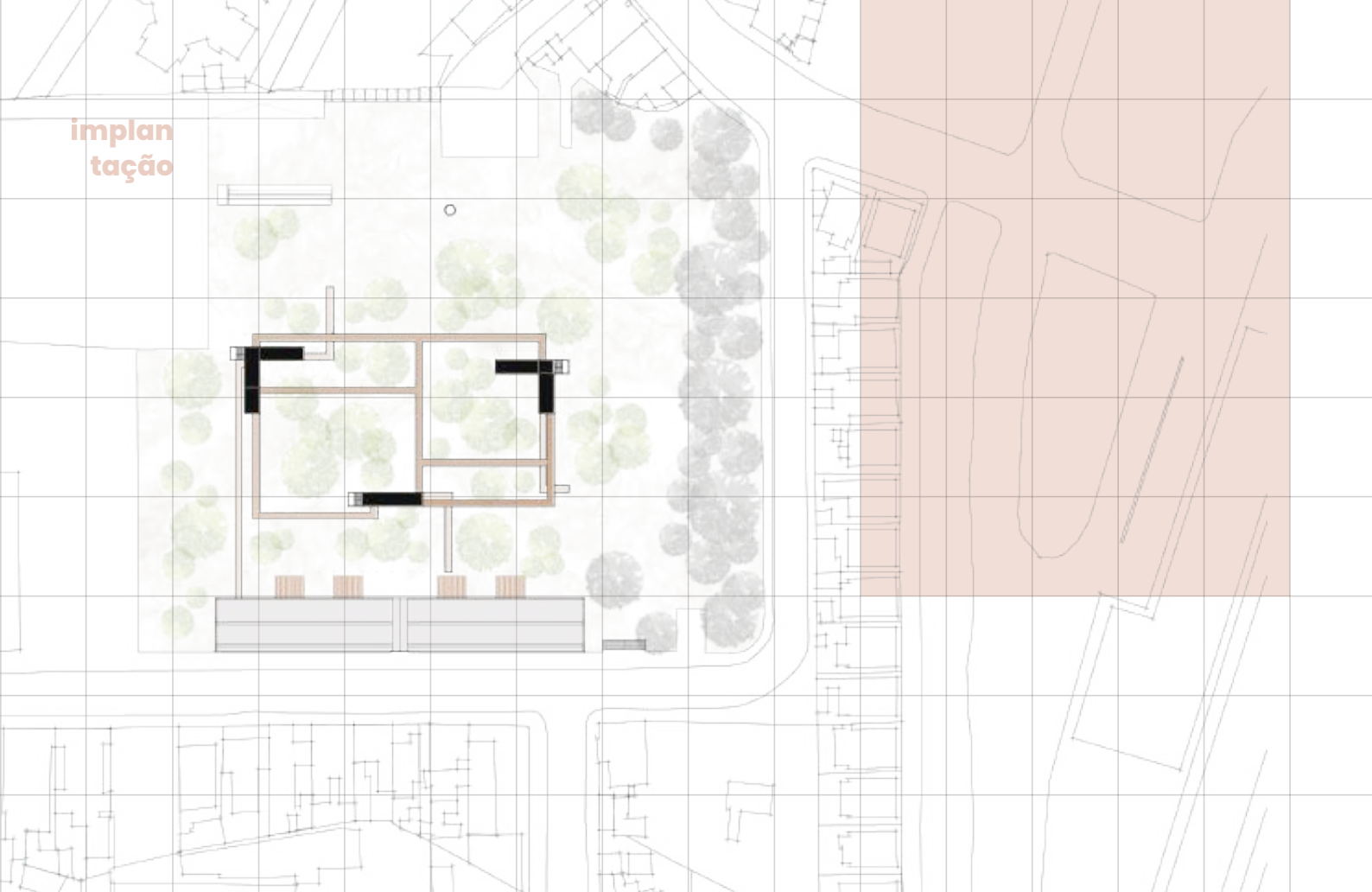


planta  
subsolo

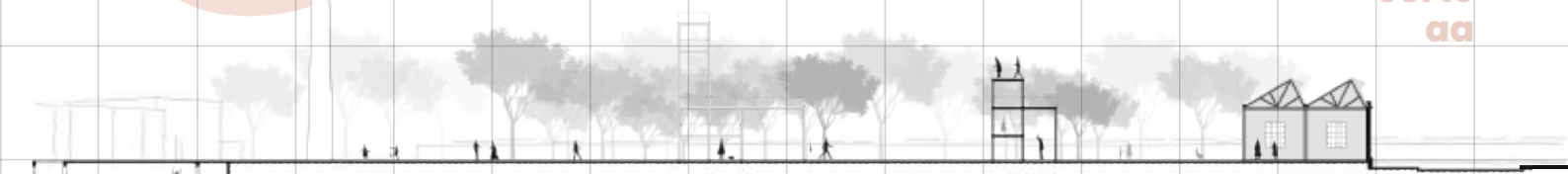


No subsolo, será mantido a rampa de acesso e a configuração de planta aberta, onde serão criadas divisórias móveis para atender a ocupação do laboratório cidadão, além de equipamentos de apoio.

implan  
tação

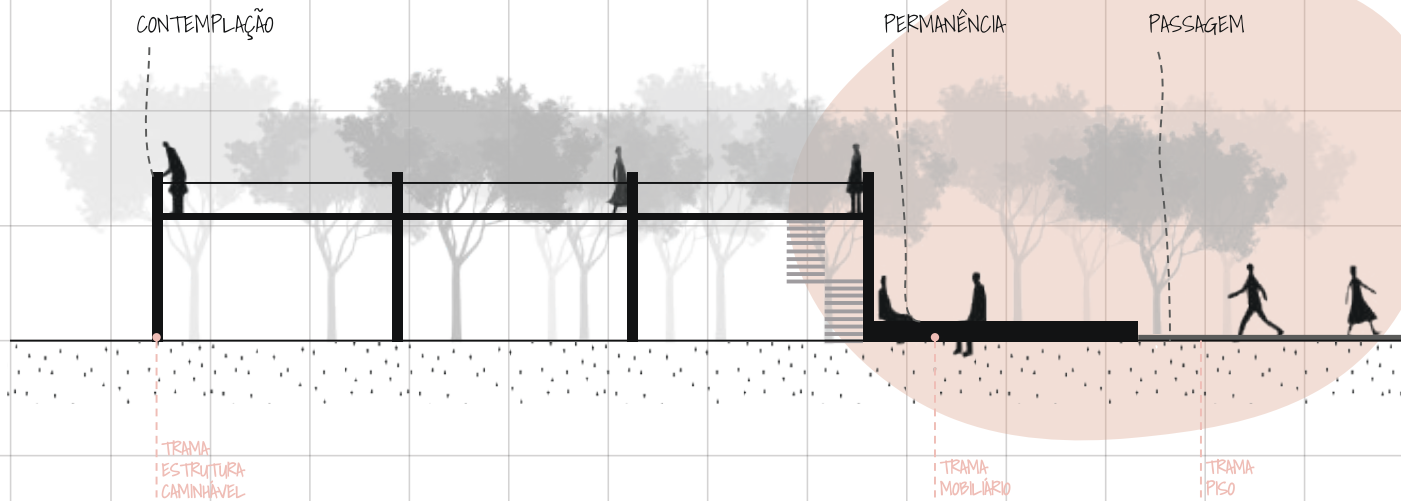


corte  
aa

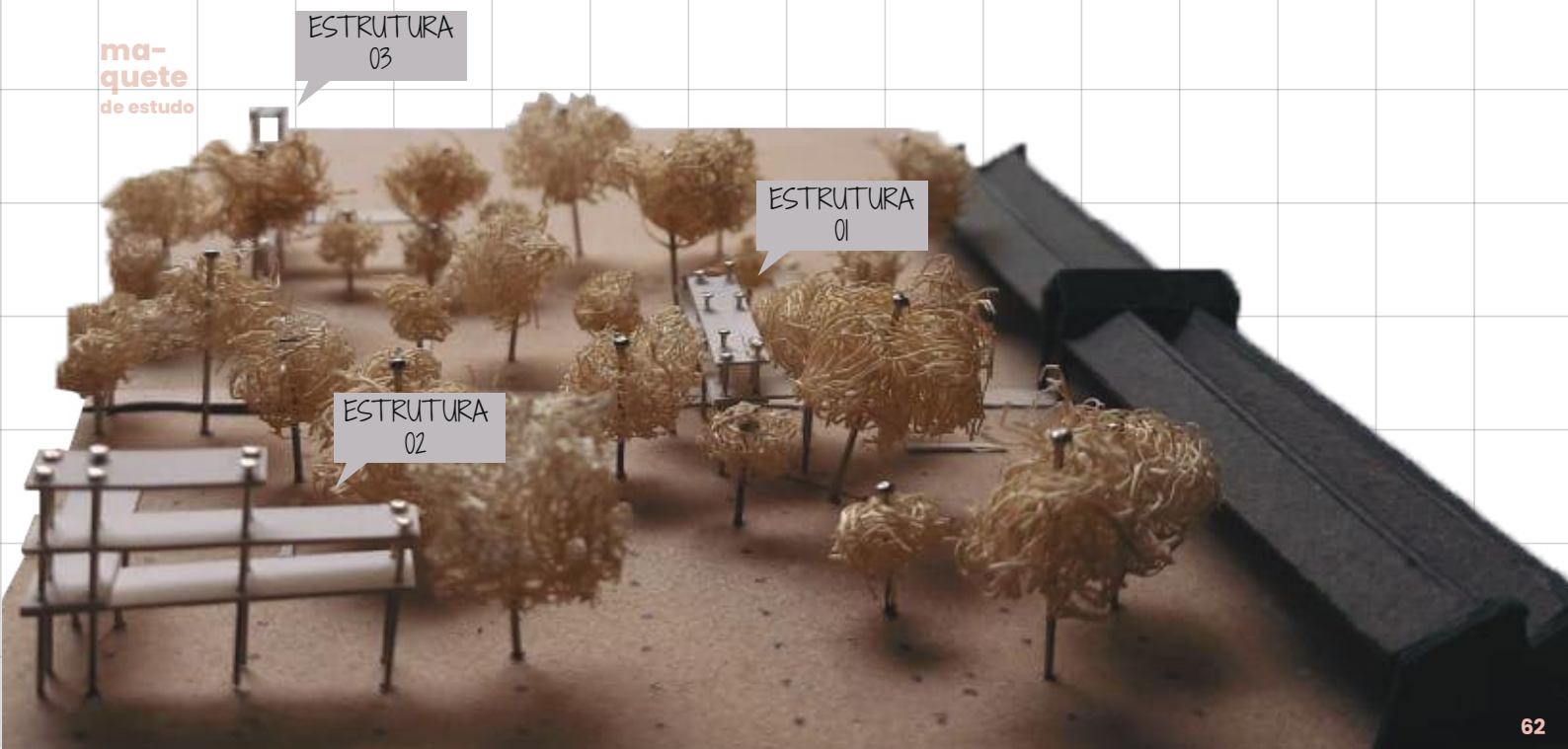




**corte**  
esque-  
mático



**ma-  
quete**  
de estudo

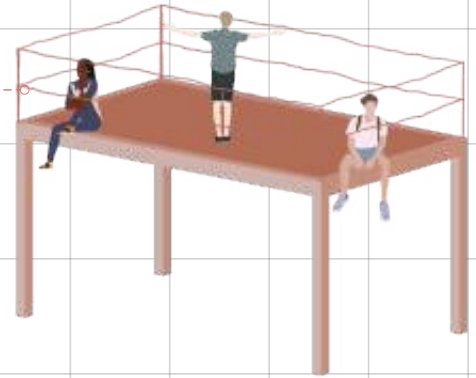


## estruturas

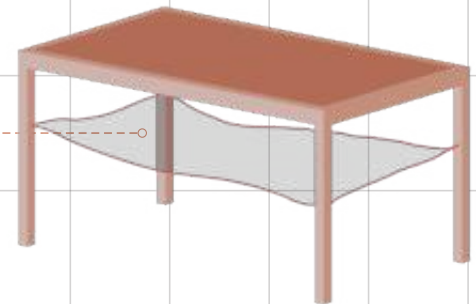
As estruturas são pensadas modularmente (seguindo medidas da trama existente), e em alturas diferentes que aumentam conforme o percurso do galpão até a chaminé da fábrica. Próximo ao galpão, encontra-se a estrutura mais baixa, propiciando um ambiente de refúgio e introspecção junto ao galpão e a mata; ligando-se à terceira estrutura (mais alta), que permite visadas para o entorno, em que o indivíduo se conecta com o externo.

Para que o uso das estruturas fossem além do caminhar e contemplar, foram pensados alguns equipamentos que proporcionam uma poética ao espaço: o guarda-corpo de duas alturas que permite o sentar com os pés suspensos junto à copa das árvores, a rede para flutuar com a água, a tela que permite o crescimento da vegetação sob a estrutura, o balanço e outros equipamentos que permitem a interação com o espaço.

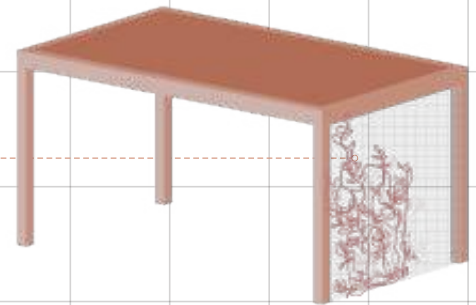
GUARDA-CORPO



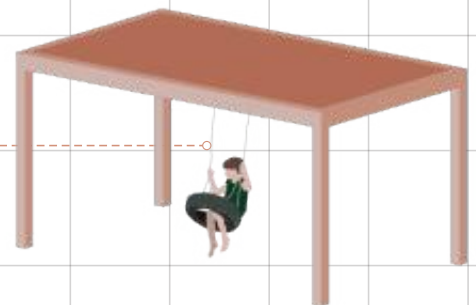
REDE



TELA

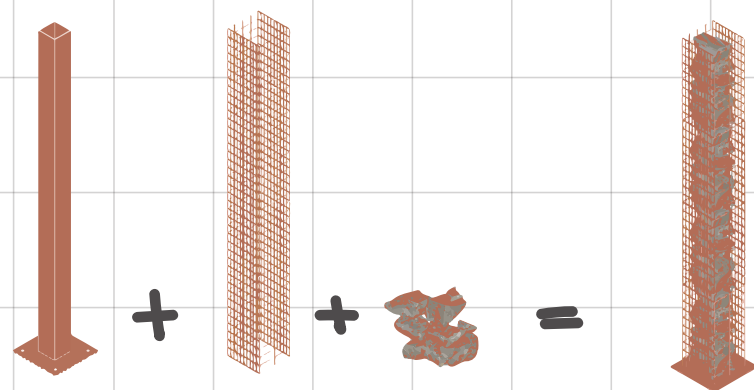


BALANÇO





# pro- posta de materialidade

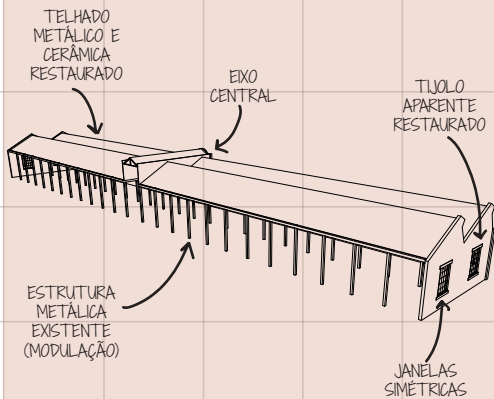


## estruturas caminháveis

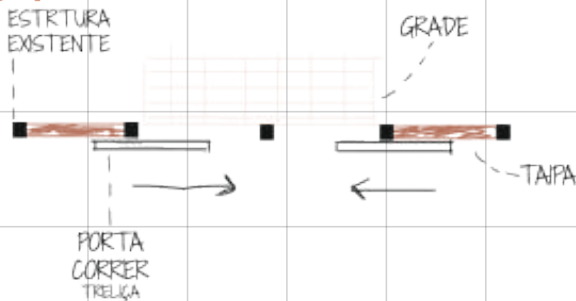
A ideia é utilizar uma materialidade que se aproxime da arquitetura industrial local, mas que também traga uma reflexão sobre o reuso de entulhos gerados pela construção civil. A proposta do projeto é criar uma estrutura que mantenha o perfil metálico (como identidade dos materiais industriais) e aproveitar o entulho gerado pela demolição do piso da fábrica como preenchimento do pilar ou fechamento entre pilares das estruturas caminháveis, criando uma espécie de parede ou pilar de gabião, com o reuso do entulho gerado pelo próprio projeto.

## galpão

Analisando a modulação da estrutura metálica, a simetria das janelas e a materialidade, foi pensado um fechamento permeável para o galpão, através do uso da tela de vergalhão (referência do Museo del Clima de Toni Gironès) e, ao mesmo tempo, fechado por meio das paredes de taipa realizada com entulho (referência do Pavilhão Cocheiras de Grão de Terra e Sem Muros), gerando um ambiente fechado para atender às necessidades do programa e conjuntamente permeável para fusão entre dentro e fora.



## croqui galpão

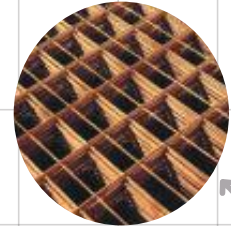


## TAIPA DE ENTULHO

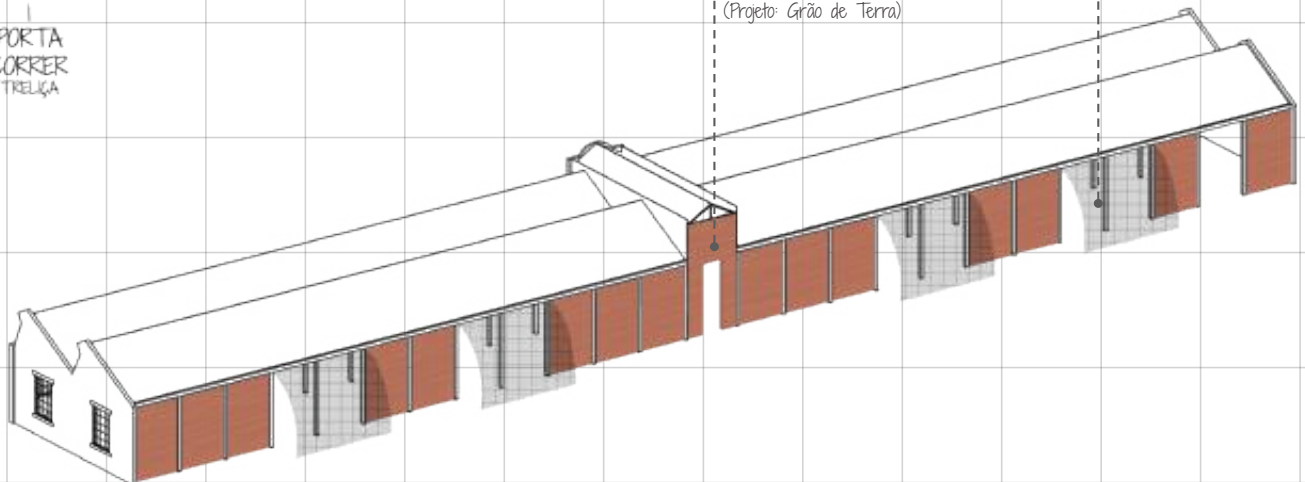


Parede ciclópica referência e foto do projeto Pavilhão Cocheiras escritório Sem Muros (Projeto: Grão de Terra)

## TELA DE VERGALHÃO



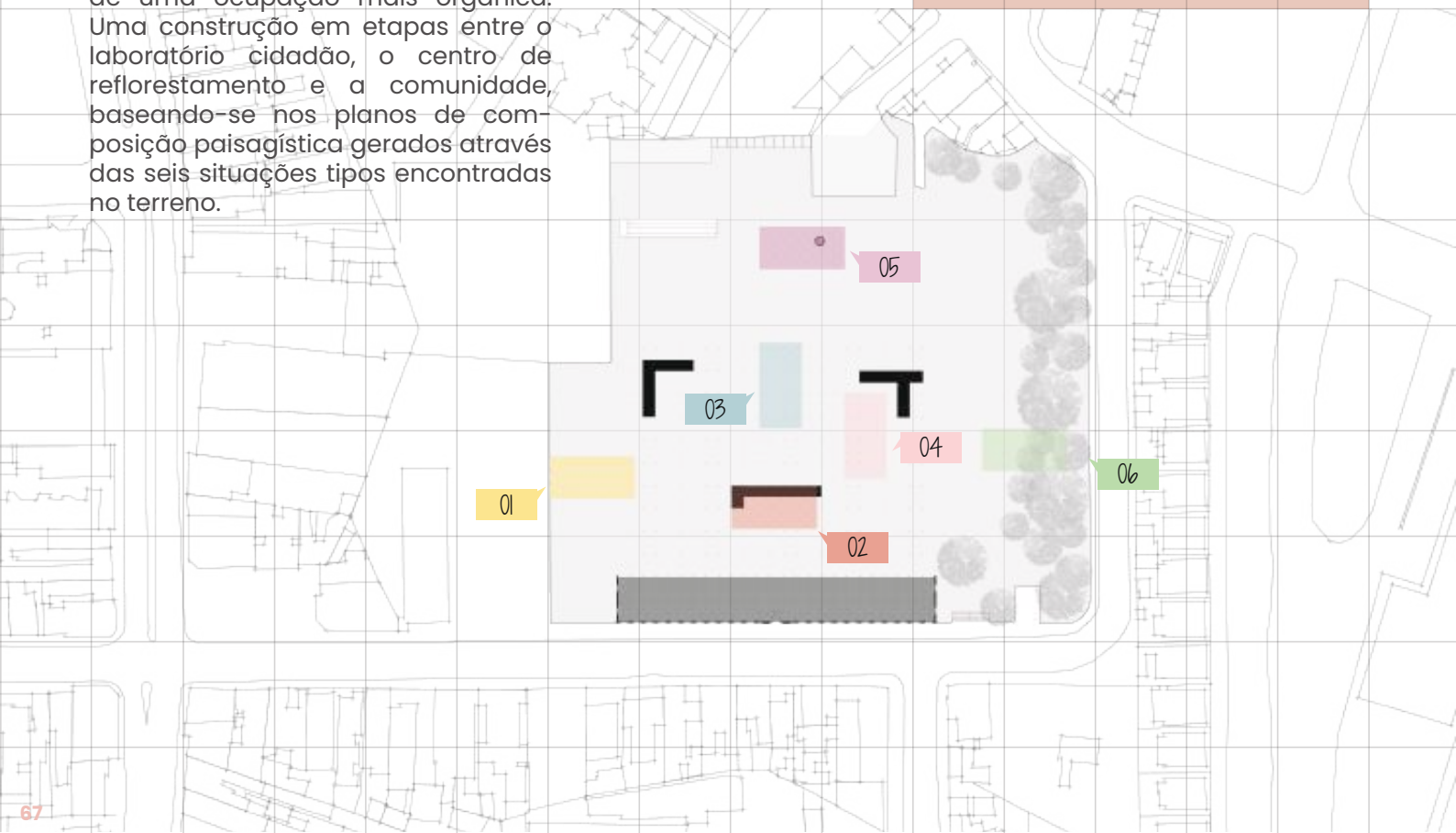
referência do Museo del Clima de Toni Gironès



# pro- posta

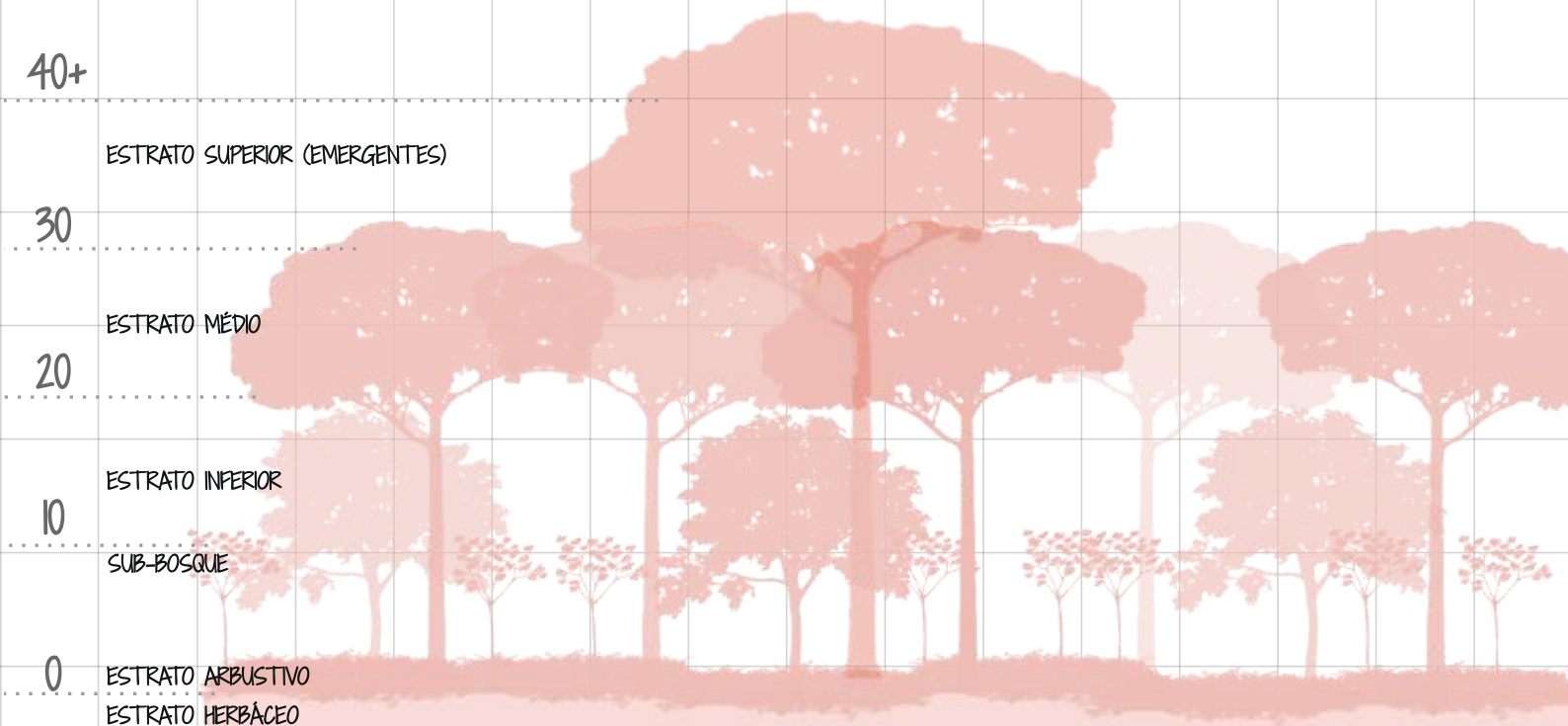
estudo de  
paisagismo

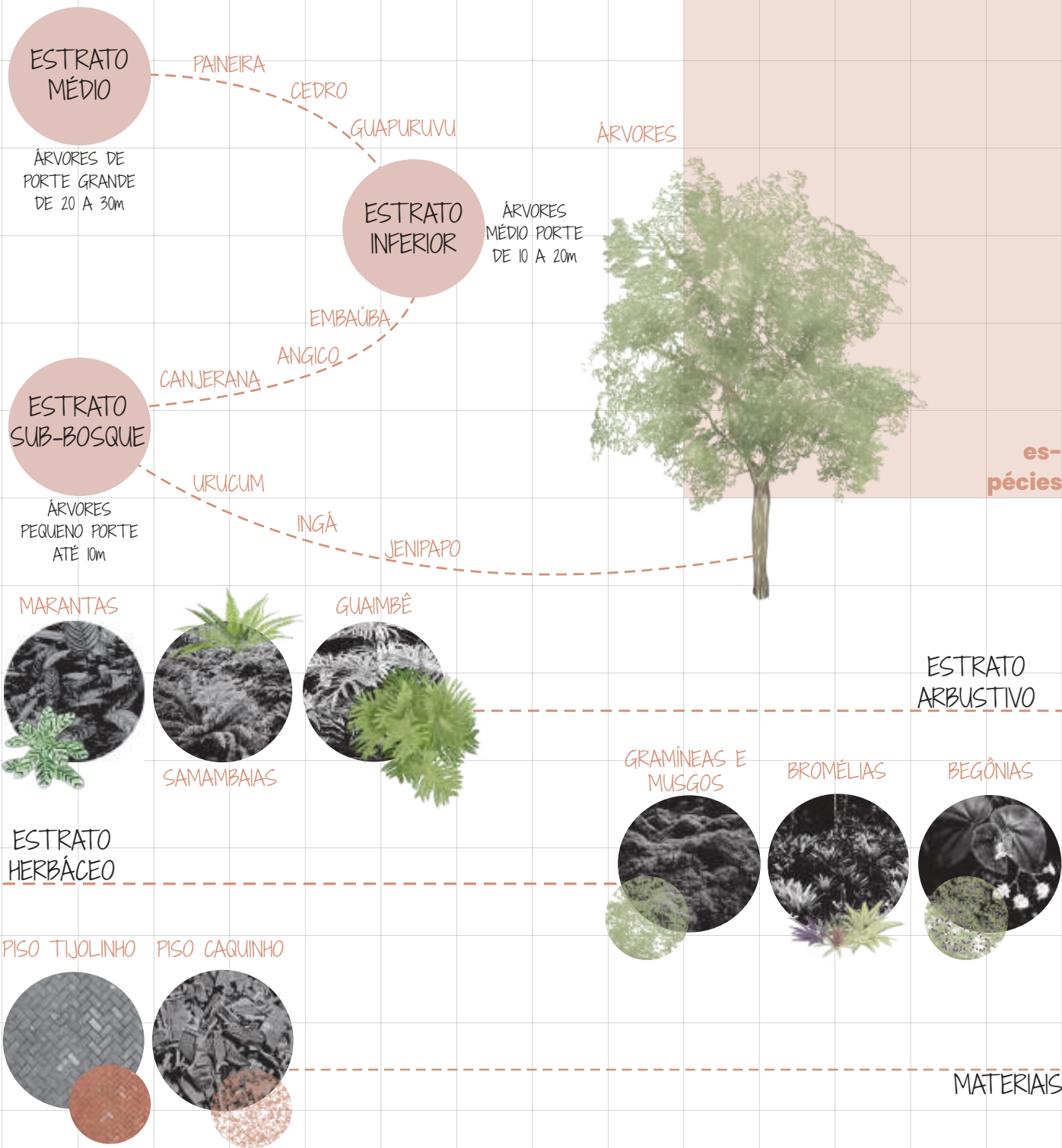
A proposta para o paisagismo se dá de modo não convencional, pois além de propor um paisagismo naturalista, no qual é utilizado espécies nativas do bioma local (Mata Atlântica), sem espécies exóticas, tem-se a intenção de uma ocupação mais orgânica. Uma construção em etapas entre o laboratório cidadão, o centro de reflorestamento e a comunidade, baseando-se nos planos de composição paisagística gerados através das seis situações tipos encontradas no terreno.



O paisagismo naturalista resulta no uso de espécies do bioma local, trazendo unidade de fisionomia paisagística, funcionamento na fauna e da flora, além de proporcionar uma educação ambiental, onde os indivíduos passam a ter um contato maior com espécies antes não vistas e que passam a fazer parte do seu cotidiano. Há também o benefício de baixa demanda de manutenção, visto que as espécies são adequadas para o clima local, não necessitando de regas abundantes e cuidados, ao contrário das espécies exóticas.

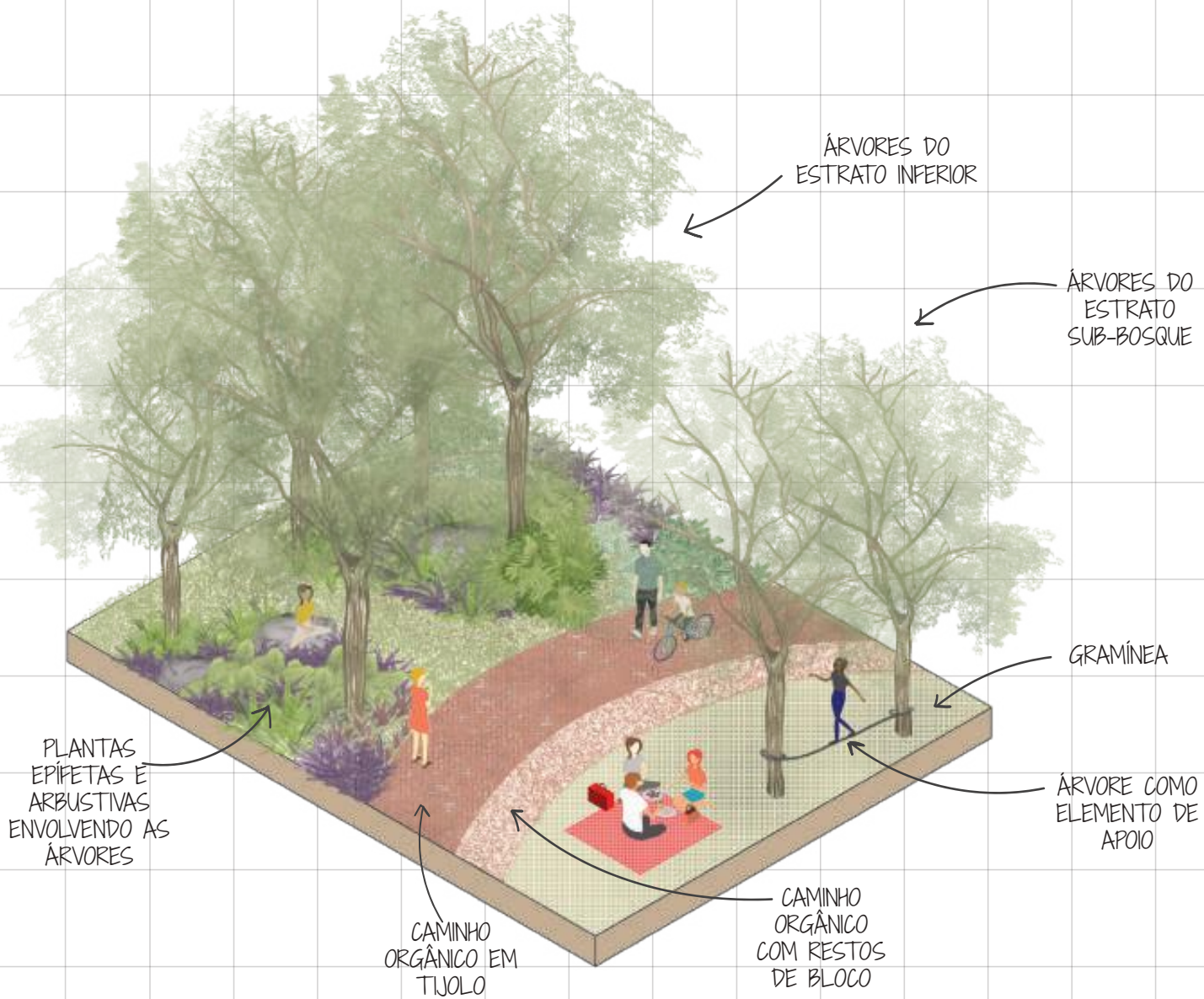
Para isso, é necessário se aproximar da composição encontrada em mata nativa, levando em conta as camadas de estrato herbáceo, arbustivo, inferior, médio e superior para criar o melhor ambiente e mais próximo possível ao natural.



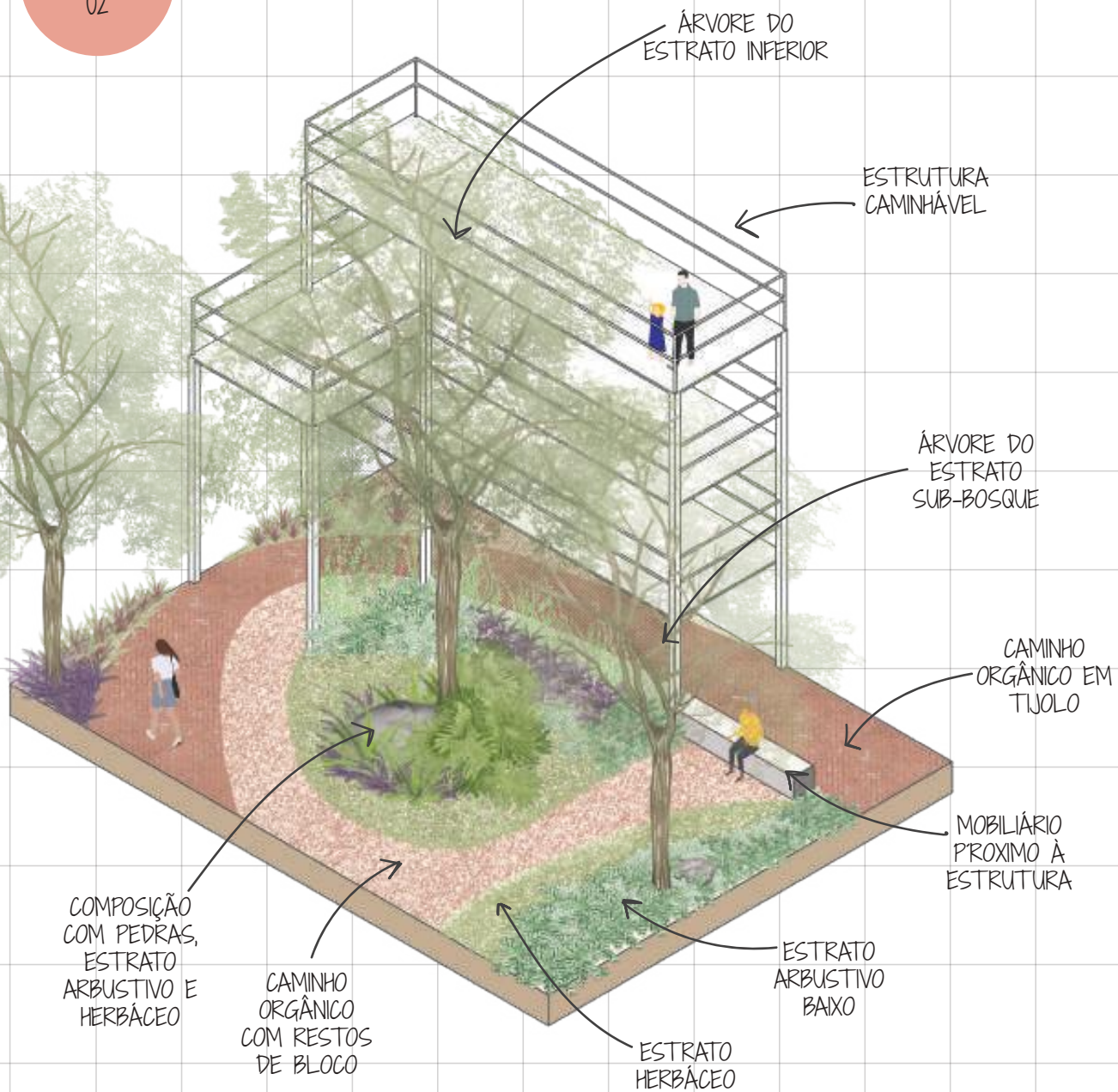




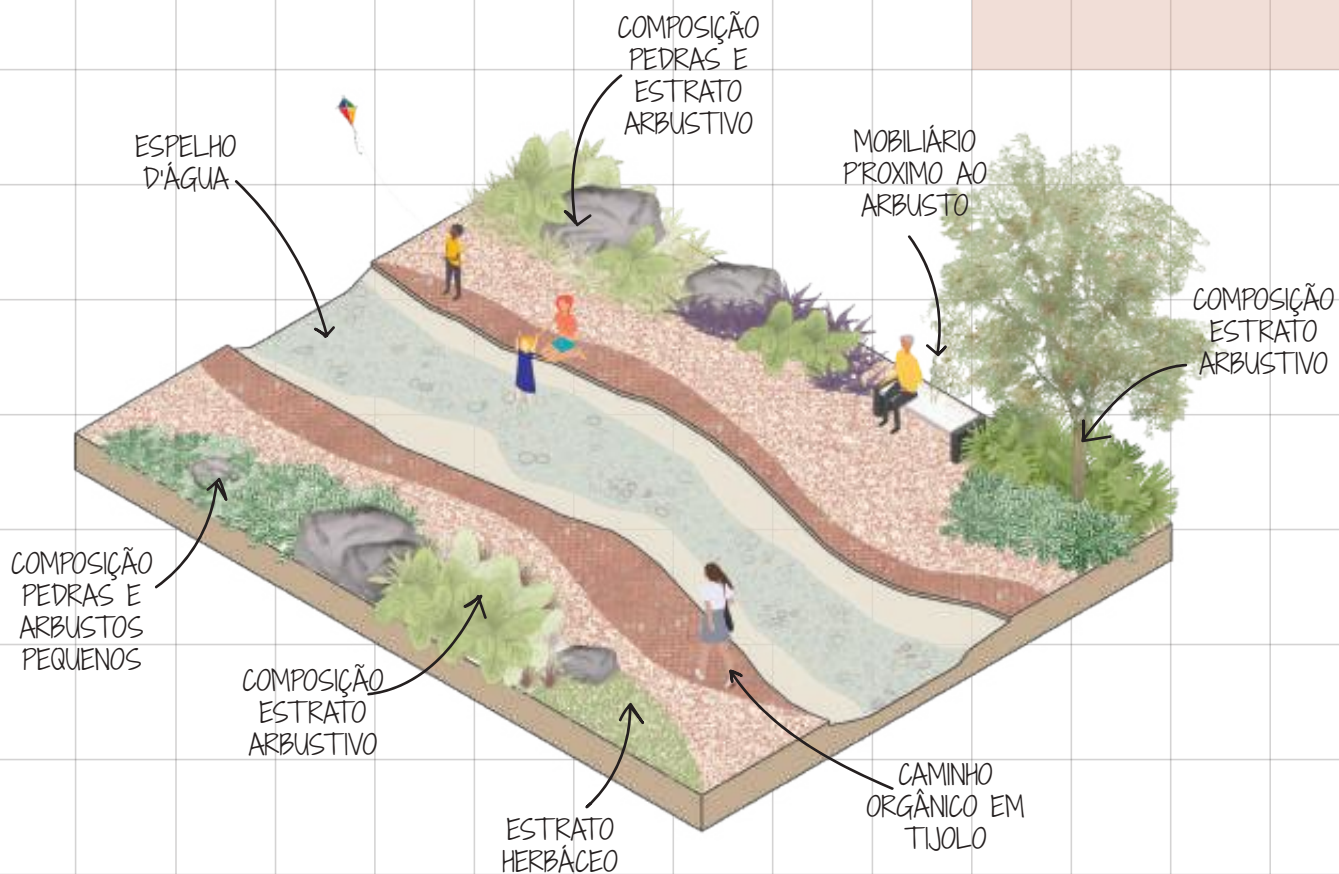
SITUAÇÃO  
01



SITUAÇÃO  
02



SITUAÇÃO  
03



AUGÉ, Marc. **Não lugares : introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas : Papirus, 1999.

BARDI, Lina Bo. **Lina Por Escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **“Os Restauros de Lina Bo Bardi: Inspirações para a Preservação da Arquitetura do Movimento Moderno”**. In: 5º Seminário Docomomo Brasil 2003. Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação.

BORDE, Andréa. **Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo). Rio de Janeiro: Centro de Letras e Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

DORIGON, Larissa. **Os Brownfields Resultantes Do Primeiro Período De Industrialização Jundiense**. Dissertação (mestrado) FCT/Unesp. Revista Equador (UFPI), Vol.3, nº1, p. 84 - 108 (jan./jun.,2014).

GUIZZO, Iazana. **Reativar Territórios: O Corpo e o Afeto na Questão do Projeto Participativo**. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARQUES, J. R.. **Jundiaí, um impasse regional – O papel do município de Jundiaí entre duas regiões metropolitanas: Campinas e São Paulo**. Dissertação (mestrado) FFLCH USP, 2008.

SANTOS, Carol. **Arquitetura para uma Possível Etopoiese Feminista**. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, ANO XII 01 – 1º semestre de 2017.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. **Territorios**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

site

**Prefeitura de Jundiaí**. História da Cidade. Disponível em: < <https://jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/> >. Acesso em: 03 jul. 2020.

**figura 01 . edifício abandonado.** Fonte: <https://br.depositphotos.com/187025056/stock-photo-abandoned-building-interiors.html>.

**figura 02 . ferrovia abandonado.** Fonte: <https://www.pictame.com/tag/rodoferroviaria>.

**figura 03 . baixio de viaduto SP.** Foto: Paulo Liebert/Estadão Conteúdo/Arquivo.

**figura 04 . fábrica tecelagem japy - jundiá sp.** Foto: da autora.

**figura 05 . janela quebrada.** Fonte: [https://www.freepik.com/premium-photo/old-broken-window-kind-slum\\_1581617.htm](https://www.freepik.com/premium-photo/old-broken-window-kind-slum_1581617.htm).

**figura 06 . fábrica pozzani - jundiá sp.** Foto: da autora.

**figura 07 . fábrica tecelagem japy - jundiá sp.** Foto: da autora.

**figura 08 . mapa jundiá sp.** Fonte: google earth.

**figura 09 . bairro vila arens - jundiá sp. (sem data)** Fonte: acervo de fotos antigas - sebo de Jundiá

**figura 10 . bairro vila arens - jundiá sp.** Fonte: <https://vivamapio.com/imoveis/29878810-1-1-1-s/>.

**figura 11 . distrito industrial de jundiá sp.** Fonte: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/jundiai-fabricas/>

**figura 12 . rodovias anhanguera e bandeirantes.** Fonte: <https://www.pinterest.co.uk/pin/556194622707819768/>

**figura 13 . chaminé fábrica pozzani - jundiá sp.** Foto: da autora.

**figura 14 . fachada lateral fábrica pozzani - jundiá sp.** Foto: da autora.

**figura 15 .** fábrica pozzani – jundiáí sp. *Foto: da autora.*

**figura 16 .** fábrica tecelagem japy – jundiáí sp. *Foto: da autora.*

**figura 17 .** fachada tecelagem japy – jundiáí sp. *Foto: da autora.*

**figura 18 .** chaminé fábrica nami azem – jundiáí sp. *Foto: da autora.*

**figura 19.** fachada antiga fábrica nami azem – jundiáí sp. *Foto: do autor.*

**figura 20.** complexo FEPASA- jundiáí sp. *Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2014/08/08/complexo-fepasa-e-a-nova-casa-da-diretoria-de-patrimonio-historico-e-cultural/>.*

**figura 21.** Prédios em São Paulo-SP. *Autor: Fabio Piva Fonte: <https://www.peachphotos.com.br/produto/predios-em-preto-e-branco-3-2/>*

**figura 22.** Entorno Vila Arens – Ponte Duratex. *Fonte: <https://mapio.net/pic/p-25572380/>*

**figura 23.** Entorno Vila Arens – Terminal de Ônibus. *Autor: Verley Henry Côco Jr. Fonte: imagens cedidas pelo autor.*

**figura 24.** Rua Lacerda Franco – Fábrica Japy. *Fonte: google street-view*

**figura 25.** Fábrica Japy – vista interior galpão. *Foto: da autora.*

**figura 26.** Fábrica Japy – vista interior rampa subsolo. *Foto: da autora.*

**figura 27.** Fábrica Japy – vista interna subsolo. *Autor: Verley Henry Côco Jr. Fonte: imagens cedidas pelo autor.*

**figura 28.** Fábrica Japy – acesso subolo rua sem saída.  
*Autor: Verley Henry Côco Jr. Fonte: imagens cedidas pelo autor.*

**figura 29.** Fábrica Japy – Rua Lacerda Franco vista lateral.  
*Autor: Verley Henry Côco Jr. Fonte: imagens cedidas pelo autor.*

**figura 30.** Vista Fábrica Japy para Serra do Japi e bairro Vila Arens. *Foto: da autora.*

**figura 31.** Parque da Juventude – São Paulo. *Fonte: <https://sp-city.com.br/conheca-o-parque-da-juventude/>.*

**figura 32.** Parque da Juventude – São Paulo. *Fonte: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.046/3953>.*

**figura 33.** Projeto Concurso Impa – Corte Transversal. *Fonte: SANTOS, Carol. Arquitetura para uma Possível Etopoeiese Feminista. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, ANO XII 01 – 1º semestre de 2017. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/?ano=45&edicao=46>>.*

**figura 34.** Projeto Concurso Impa – Corte Transversal. *Fonte: SANTOS, Carol. Arquitetura para uma Possível Etopoeiese Feminista. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, ANO XII 01 – 1º semestre de 2017. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/?ano=45&edicao=46>>*

**figura 35.** Projeto Capela Inga-Mirim. *Fonte: <https://www.messinarivas.com/capela>.*

**figura 36.** Pedras Capela Inga-Mirim. *Fonte: <https://www.messinarivas.com/capela>.*

**figura 37.** Capela Inga-Mirim. *Fonte: <https://www.messinarivas.com/capela>.*



**figura 38.** museo del clima. *Fonte: <https://www.metalocus.es/es/noticias/el-clima-como-protagonista-museo-del-clima-de-lleida-por-toni-girones>*

**figura 39.** museo del clima. *Fonte: <https://www.metalocus.es/es/noticias/el-clima-como-protagonista-museo-del-clima-de-lleida-por-toni-girones>*

**figura 40.** oficina trans.lab.urb. *Fonte: <https://translaburb.cc/Projetos>.*

**figura 41.** grupo trans.lab.urb. *Fonte: <https://translaburb.cc/Equipe>.*

**figura 42.** cinema assemble. *Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/tag/assemble>.*

**figura 43.** cinema assemble. *Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/tag/assemble>.*

**figura 44.** equipe assemble. *Fonte: <https://assemble.com>.*

**figura 45.** colagem [re]habitar. *Fonte: da autora.*



[44]